

Universidade Federal Fluminense – UFF

Instituto de Ciência e Tecnologia

Ciência da Computação

Matheus Antonio Oliveira Cardoso

Padrões de Projeto e o Paradigma Funcional

Rio das Ostras

2020

Universidade Federal Fluminense – UFF

Instituto de Ciência e Tecnologia

Ciência da Computação

Matheus Antonio Oliveira Cardoso

**Padrões de Projeto
e o Paradigma Funcional**

Trabalho de Conclusão de Curso
para o curso de graduação em Ci-
ência da Computação da Universi-
dade Federal Fluminense.

Orientador: Carlos Bazilio Martins

Rio das Ostras

2020

Matheus Antonio Oliveira Cardoso

Padrões de Projeto e o Paradigma Funcional

Trabalho de Conclusão de Curso para o curso
de graduação em Ciência da Computação da
Universidade Federal Fluminense.

Trabalho aprovado. Rio das Ostras, 09 de dezembro de 2020:

Carlos Bazilio Martins
Orientador

Rio das Ostras
2020

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conceito de padrões de projeto no contexto do paradigma de programação funcional. Os padrões de projeto apresentam soluções comuns para problemas comuns de design de software, destacando-se os vinte e três padrões Gang of Four, que apresentam soluções comuns para problemas relacionados ao paradigma orientado a objetos. Porém, como a forma de construir um software difere muito do paradigma funcional para o orientado a objetos, existe a dúvida de como ou se esses padrões podem ser reaproveitados, além da possibilidade de o uso do paradigma funcional solucionar os problemas oriundos da orientação a objetos. Dessa forma, o trabalho buscará analisar, do ponto de vista funcional, cada um dos 23 padrões GoF, verificando se o problema de orientação a objetos proposto também existe no contexto funcional e se é resolvido pelo padrão em questão. Também serão analisados, se existirem, os casos em que o problema deixa de existir ou é solucionado de outra forma. Ao fim, deseja-se concluir se o uso dos recursos de programação funcional contribui para a solução de cada padrão GoF e, caso a conclusão não seja a mesma para todos os padrões, tentar identificar as características de cada grupo.

Palavras-chave: padrões de projeto. programação funcional.

Abstract

The present work aims to analyze the concept of design patterns in a functional programming paradigm context. The design patterns present common solutions to common software design problems, standing out the twenty-three Gang of Four patterns, which present common solutions for object oriented related problems. However, since the way of building a software differs a lot between a functional paradigm and an object oriented paradigm, there is the question of how or whether these patterns can be reused, and the possibility that the use of the functional paradigm can solve problems arising from object orientation. In this way, the work will seek to analyze, from the functional point of view, each of the 23 GoF patterns, verifying if the proposed object oriented problem also exists in the functional context and if it is solved by the pattern in question. There will also be analyzed, if existing, the cases in which the problem won't exist or is solved in another way. At the end, it is aimed to conclude if the use of functional programming resources contribute to the solution of each GoF pattern and, in case of the conclusion not being the same for all patterns, try to identify the characteristics of each group.

Keywords: design patterns. functional programming.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Estrutura do Singleton utilizada como exemplo	29
Figura 2 – Estrutura do Factory Method	51
Figura 3 – Exemplo de Factory Method	52
Figura 4 – Estrutura do Abstract Factory	54
Figura 5 – Exemplo de Abstract Factory	55
Figura 6 – Estrutura do Builder	58
Figura 7 – Exemplo de Builder	59
Figura 8 – Estrutura do Prototype	62
Figura 9 – Exemplo de Prototype	63
Figura 10 – Estrutura do Singleton	65
Figura 11 – Exemplo de Singleton	66
Figura 12 – Estrutura do Adapter de Classe	67
Figura 13 – Estrutura do Adapter de Objeto	68
Figura 14 – Exemplo de Adapter	68
Figura 15 – Estrutura do Bridge	70
Figura 16 – Exemplo de Bridge	71
Figura 17 – Estrutura do Composite	73
Figura 18 – Exemplo de Composite	74
Figura 19 – Estrutura do Decorator	76
Figura 20 – Exemplo de Decorator	77
Figura 21 – Estrutura do Façade	80
Figura 22 – Exemplo de Façade	81
Figura 23 – Estrutura do Flyweight	84
Figura 24 – Exemplo de Flyweight	85
Figura 25 – Estrutura do Proxy	87
Figura 26 – Exemplo de Proxy	88
Figura 27 – Estrutura do Chain of Responsibility	91
Figura 28 – Exemplo de Chain of Responsibility	92
Figura 29 – Estrutura do Command	95
Figura 30 – Exemplo de Command	96
Figura 31 – Estrutura do Interpreter	100
Figura 32 – Exemplo de Interpreter	101
Figura 33 – Estrutura do Iterator	104
Figura 34 – Exemplo de Iterator	105
Figura 35 – Estrutura do Mediator	108
Figura 36 – Exemplo de Mediator	109

Figura 37 – Estrutura do Memento	113
Figura 38 – Exemplo de Memento	114
Figura 39 – Estrutura do Observer	116
Figura 40 – Exemplo de Observer	117
Figura 41 – Estrutura do State	119
Figura 42 – Exemplo de State	120
Figura 43 – Estrutura do Strategy	123
Figura 44 – Exemplo de Strategy	124
Figura 45 – Estrutura do Template Method	127
Figura 46 – Exemplo de Template Method	128
Figura 47 – Estrutura do Visitor	131
Figura 48 – Exemplo de Visitor	132

Lista de códigos

Código 1 – Exemplo de Função Pura	21
Código 2 – Exemplo de Função Pura	21
Código 3 – Exemplo de Código Mutável	22
Código 4 – Exemplo de Código Imutável	22
Código 5 – Exemplo de Função de Alta Ordem	23
Código 6 – Exemplo sem Funções de Alta Ordem	23
Código 7 – Exemplo sem Currying	24
Código 8 – Exemplo de Currying	24
Código 9 – Exemplo de Closure	24
Código 10 – Exemplo de Composição de Funções	25
Código 11 – Exemplo de Composição de Funções	26
Código 12 – Exemplo de Singleton sem subclasses	30
Código 13 – Exemplo de Singleton com subclasses	31
Código 14 – Construtor Simples em Scala	33
Código 15 – Construtor Simples em Java	33
Código 16 – Construtor Auxiliar em Scala	34
Código 17 – Exemplo de Atributo Imutável	34
Código 18 – Construtor Simples em Java	35
Código 19 – Exemplo de Trait	35
Código 20 – Exemplo de classe que implementa uma trait	35
Código 21 – Exemplo de companion object	36
Código 22 – Chamada de operações de um companion object	36
Código 23 – Exemplo de adição em uma lista imutável	37
Código 24 – Exemplo de concatenação em uma lista imutável	37
Código 25 – Classe comum em Orientação a Objetos	41
Código 26 – Representação de uma classe no contexto funcional	42
Código 27 – Exemplo de associação entre classes	42
Código 28 – Exemplo de associação no contexto funcional	43
Código 29 – Representação de uma classe com closures	44
Código 30 – Módulos como forma de encapsulamento	44
Código 31 – Interfaces em Orientação a Objetos	45
Código 32 – Interfaces em Programação Funcional	46
Código 33 – Interfaces em Orientação a Objetos	46
Código 34 – Interfaces em Programação Funcional	47
Código 35 – Herança em Orientação a Objetos	47
Código 36 – Herança em Programação Funcional	48

Código 37 – Factory Method Orientado a Objetos	51
Código 38 – Factory Method Funcional	53
Código 39 – Abstract Factory Orientado a Objetos	54
Código 40 – Abstract Factory Funcional	56
Código 41 – Abstract Factory Funcional usando tuplas	57
Código 42 – Builder Orientado a Objetos	58
Código 43 – Builder Funcional	60
Código 44 – Prototype Orientado a Objetos	62
Código 45 – Prototype Funcional	64
Código 46 – Singleton Orientação a Objetos	65
Código 47 – Adapter Orientado a Objetos	68
Código 48 – Adapter Funcional	69
Código 49 – Bridge Orientado a Objetos	70
Código 50 – Bridge Funcional	72
Código 51 – Composite Orientado a Objetos	73
Código 52 – Composite Funcional	75
Código 53 – Decorator Orientado a Objetos	77
Código 54 – Decorator Funcional	78
Código 55 – Façade Orientado a Objetos	80
Código 56 – Função de acesso Compile	82
Código 57 – Função de acesso Compile	82
Código 58 – Função de acesso Compile	83
Código 59 – Flyweight Orientado a Objetos	85
Código 60 – Flyweight Funcional	86
Código 61 – Proxy Orientado a Objetos	87
Código 62 – Proxy Funcional	89
Código 63 – Chain of Responsibility Orientação a Objetos	91
Código 64 – Chain of Responsibility Funcional	93
Código 65 – Função Chain of Responsibility	94
Código 66 – Command Orientação a Objetos	95
Código 67 – Command Funcional	97
Código 68 – Exemplo funcional de Command	98
Código 69 – Interpreter Orientação a Objetos	100
Código 70 – Interpreter Funcional	102
Código 71 – Interpreter com regras genéricas	102
Código 72 – Iterator Orientação a Objetos	104
Código 73 – Iterator Funcional	107
Código 74 – Mediator Orientado a Objetos	108
Código 75 – Mediator Funcional	111

Código 76 – Memento Orientação a Objetos	113
Código 77 – Memento Funcional	115
Código 78 – Observer Orientação a Objetos	116
Código 79 – Observer Funcional	118
Código 80 – State Orientação a Objetos	119
Código 81 – State Funcional	121
Código 82 – State Funcional	121
Código 83 – Strategy Orientação a Objetos	123
Código 84 – Strategy Funcional	125
Código 85 – Template Method Orientação a Objetos	127
Código 86 – Template Method Funcional	129
Código 87 – Definição do algoritmo	130
Código 88 – Visitor Orientação a Objetos	132
Código 89 – Visitor Funcional	133

Sumário

I	INTRODUÇÃO	15
1	TRABALHOS RELACIONADOS	17
II	CONCEITOS BÁSICOS	19
2	O PARADIGMA FUNCIONAL	21
2.1	Funções Puras	21
2.2	Imutabilidade	22
2.3	Funções de Alta Ordem	23
2.4	Currying	24
2.5	Closures	24
2.6	Composição de Funções	25
3	PADRÕES DE PROJETO	27
3.1	Exemplo de padrão de projeto: Singleton	28
4	SCALA	33
4.1	Construtores	33
4.2	Var e Val	34
4.3	Trait	35
4.4	Operadores e Atributos de Classe	36
4.5	Listas imutáveis	37
4.6	Unit	37
III	DESENVOLVIMENTO	39
5	ORIENTAÇÃO A OBJETOS NO CONTEXTO FUNCIONAL	41
5.1	Classes e Objetos	41
5.2	Associação, Agregação e Composição	42
5.3	Encapsulamento	43
5.4	Interfaces	45
5.5	Polimorfismo	47
5.6	Herança	47
6	PADRÕES CRIACIONAIS	51
6.1	Factory Method	51

6.2	Abstract Factory	54
6.3	Builder	58
6.4	Prototype	62
6.5	Singleton	65
7	PADRÕES ESTRUTURAIS	67
7.1	Adapter	67
7.2	Bridge	70
7.3	Composite	73
7.4	Decorator	76
7.5	Façade	80
7.6	Flyweight	84
7.7	Proxy	87
8	PADRÕES COMPORTAMENTAIS	91
8.1	Chain of Responsibility	91
8.2	Command	95
8.3	Interpreter	100
8.4	Iterator	104
8.5	Mediator	108
8.6	Memento	113
8.7	Observer	116
8.8	State	119
8.9	Strategy	123
8.10	Template Method	127
8.11	Visitor	131
IV	RESULTADOS	135
9	CONCLUSÃO	137
	REFERÊNCIAS	139

Parte I

Introdução

1 Trabalhos Relacionados

Apesar de não existirem muitos trabalhos que envolvem relacionar padrões de projeto com o paradigma funcional, diversas revisões dos padrões GoF já foram feitas [1, 2, 3, 4, 5]. Essas revisões são orientadas tanto ao paradigma funcional - como neste trabalho - quanto a uma visão mais abrangente, que aproveita outros recursos e evoluções de linguagens de programação posteriores ao paradigma orientado a objetos como era conhecido quando os padrões GoF foram catalogados.

Alguns desses trabalhos serão apresentados a seguir. A maioria não se restringe aos padrões de projeto GoF, alguns inclusive propõem padrões baseados em conceitos de programação funcional.

Scott Wlaschin, em sua palestra "Functional Programming Design Patterns"[3], apresenta conceitos de programação funcional como combinação de funções, funções de alta ordem e mônadas. Em seguida, é demonstrado como esses recursos podem ser interpretados como padrões para solucionar problemas de design de software funcional.

Parte de uma série de artigos denominada "Functional Thinking", escritos por Neal Ford e disponibilizada no site da IBM [1], descreve como alguns padrões de projeto podem ser interpretados no contexto funcional e apresenta três possibilidades para essa interpretação: os padrões são absorvidos pelos recursos da linguagem; continuam existindo, porém possuindo uma implementação diferente; ou são solucionados utilizando recursos que outras linguagens ou paradigmas não possuem.

Em uma palestra disponibilizada no InfoQ [4], Stuart Sierra apresenta os "Clojure Design Patterns", onde alguns padrões GoF, entre eles Observer e Strategy, são revisitados a partir de um ponto de vista funcional. Porém, a maior parte da palestra propõe diversos padrões derivados do paradigma funcional.

Já a palestra "From GoF to lambda"[5], apresentada por Mario Fusco, demonstra como alguns dos padrões GoF podem ser revistos com o recurso de funções lambda que a linguagem Java passou a implementar a partir da versão 8.

Por fim, Peter Norvig apresenta "Design Patterns in Dynamic Languages"[2], que apesar de não ser focado no paradigma funcional, dedica-se a visitar alguns padrões de projeto GoF utilizando recursos de linguagens de programação dinâmicas.

Parte II

Conceitos Básicos

2 O Paradigma Funcional

Enquanto Alan Turing definia o que tornaria-se a Máquina de Turing, Alonzo Church trabalhava em uma abordagem diferente, o Cálculo Lambda[6, 7, 8]. Apesar de parecerem muito diferentes, o primeiro baseando-se na modificação do estado em uma fita e o segundo em aplicação de funções, ambas as ideias eram equivalentes no que diz respeito à computação[9]. O paradigma de programação funcional possui uma inspiração maior no cálculo lambda, o que deu origem aos conceitos que serão vistos a seguir.

2.1 Funções Puras

Funções puras operam apenas nos parâmetros fornecidos. Elas não leem ou escrevem em qualquer valor que esteja fora do corpo da função[10, 11]. Por exemplo:

```
1
2     def add(x, y){
3         return x + y;
4     }
```

Código 1 – Exemplo de Função Pura

A função acima opera apenas nos valores x e y que são passados como parâmetro da função. A partir dessa restrição, algumas conclusões relevantes podem ser tiradas. Por exemplo, uma função pura sempre retornará o mesmo valor para os mesmos parâmetros: caso a função add acima receba os parâmetros 1 para x e 2 para y, não importa quantas vezes ela seja chamada, o resultado da operação sempre será 3[11].

Em seguida, um exemplo de função não pura:

```
1
2     var z = 10;
3
4     def modify(x, y) {
5         z = x + y;
6     }
```

Código 2 – Exemplo de Função Pura

Essa função não é pura pois ela depende de um valor externo - a variável z - para realizar uma operação. Existe ainda um outro problema com esse tipo de função: sua execução implica em um efeito colateral.

Efeitos colaterais ocorrem em consultas ou alterações a bases de dados, modificação de arquivos ou até mesmo envio de dados a um servidor[10, 11]. Também ocorrem quando

variáveis fora do escopo da função são modificadas ou lidas. Esse tipo de comportamento é muito comum em paradigmas de programação imperativos ou orientados a objetos, porém podem causar dificuldades no processo de debug de um código, afinal, se uma variável pode ser alterada em qualquer lugar, um valor errado que ela está assumindo pode estar vindo de qualquer lugar.

Apesar disso, um programa precisa realizar efeitos colaterais, como os já citados: leitura e escrita em arquivos ou bancos de dados, requisições em servidores, exibição em uma tela. Por isso, a ideia no design de software funcional não é apenas utilizar funções puras, mas concentrar os efeitos colaterais em um local isolado das funções puras, o que facilita o processo de debugging[10].

2.2 Imutabilidade

Em programação funcional, a ideia de variáveis não existe, ou ao menos possui uma definição diferente[12]. Em paradigmas procedurais é comum encontrarmos trechos de código parecidos com:

```
1
2     var x = 1;
3     x = x + 1;
```

Código 3 – Exemplo de Código Mutável

Porém, esse tipo de operação não é permitida no paradigma funcional. Aqui é seguido o princípio da imutabilidade, onde uma variável ¹ que armazena um valor não pode ter esse valor alterado até o fim da execução do programa. Dessa forma, o código apresentado anteriormente não seria possível.

Em um programa funcional, a modificação do valor de uma variável é feita copiando o valor para uma nova variável que passará a representar esse valor[11]. Por exemplo, o código acima poderia ser escrito como:

```
1
2     var x = 1;
3     z = x + 1;
```

Código 4 – Exemplo de Código Imutável

Isso pode parecer problemático quando é necessário modificar um único valor em uma lista ou uma estrutura maior e mais complexa. Porém, o compilador faz isso de uma forma mais eficiente, sem que seja necessário de fato copiar toda a estrutura[11]. Dessa forma, a imutabilidade está presente apenas durante a programação, impedindo que um

¹ Aqui, variável é entendida como um valor armazenado e não um valor variável.

valor seja alterado acidentalmente pelo programador ou de forma imprevista no caso de um programa multi-thread, por exemplo.

2.3 Funções de Alta Ordem

Funções de alta ordem são funções que recebem outras funções como parâmetro e ainda podem retornar funções[13, 11]. Esse é um recurso não tão comum em linguagens orientadas a objeto ou procedurais, mas não é exclusivo das linguagens funcionais. Javascript[14], Python[15] e C#[16] são alguns exemplos de linguagens que possuem suporte para funções de alta ordem.

Um bom exemplo de simplicidade do uso de funções de alta ordem é a função `map`[17]. Seu objetivo é aplicar uma função a todos os elementos de uma coleção e retornar a nova coleção resultante. Para que isso seja possível, a função `map` precisa receber como parâmetro a função que será aplicada. Por exemplo:

```
1
2     def add1(x){
3         return x + 1;
4     }
5
6     let result = map(add1, [1, 2, 3, 4, 5]);
7     // O resultado dessa operação é a lista [2, 3, 4, 5, 6]
```

Código 5 – Exemplo de Função de Alta Ordem

Em uma linguagem que não aceita funções sendo passadas por parâmetro, uma operação simples como essa poderia tornar-se mais verbosa e menos legível:

```
1
2     def add1(x){
3         return x + 1;
4     }
5
6     let mylist = [1, 2, 3, 4, 5]
7     let result = []
8
9     foreach(n : mylist) {
10         result.push(add1(n))
11     }
```

Código 6 – Exemplo sem Funções de Alta Ordem

Talvez a implementação da função `map` seja parecida com a função acima, porém, um programador que não conhece o programa levaria muito menos tempo para entender a

primeira implementação do que a segunda. Além disso, para cada função diferente que poderia ser aplicada a essa mesma coleção, a mesma implementação teria que ser repetida.

2.4 Currying

Currying é uma técnica de programação funcional que permite que uma função com mais de um parâmetro seja chamada como se possuísse apenas um[13, 11]. Por exemplo, a função:

```
1
2   def add(x, y){
3       return x + y;
4   }
```

Código 7 – Exemplo sem Currying

Poderia ser escrita da seguinte forma:

```
1
2   def add(x){
3       return y => x + y;
4   }
```

Código 8 – Exemplo de Currying

Essa técnica simplifica a composição de funções que possuem quantidades diferentes de parâmetros. Normalmente, em linguagens funcionais não é necessário refatorar o código como foi feito acima, já que as funções implementam essa técnica nativamente[13].

2.5 Closures

Considerando a seguinte função:

```
1
2   def adder(x){
3       return y => x + y;
4   }
5
6   let add10 = adder(10)
7
8   res = add10(5)
9   // O resultado acima é 15
```

Código 9 – Exemplo de Closure

Nele, definimos uma função `adder` que recebe como parâmetro um valor `x` e retorna uma função que recebe como parâmetro outro valor `y`, retornando a soma dos dois valores.

A variável `add10` receberá o retorno da chamada da função `adder` para o valor 10. Com isso, `add10` será uma função que receberá como parâmetro um número e adicionará 10 a ele. Quando `add10` é chamada com o valor 5 sendo passado como parâmetro, o retorno da função é 15.

Para que isso seja possível, a função retornada por `adder` precisou ter acesso ao valor da variável `x` mesmo após o fim da execução de `adder`. Isso foi possível por a variável `x` estar dentro do escopo da função quando ela foi criada. Esse comportamento, que trás novas possibilidades para o retorno de funções, é chamado de *closure*[18].

2.6 Composição de Funções

Reuso de código é um objetivo desejável para qualquer paradigma de programação, e o paradigma funcional proporciona uma facilidade para isso através de composição de funções[13].

O código abaixo exemplifica esse recurso:

```
1
2     def add1(x){
3         return x + 1
4     }
5
6     def mul2(x){
7         return x * 2
8     }
9
10    def sub4(x){
11        return x - 4
12    }
13
14    def add1ThenMul2ThenSub4(x) {
15        return sub4(mul2(add1(x)))
16    }
17
18    let res = add1ThenMul2ThenSub4(1);
19    // O resultado da função é 0
```

Código 10 – Exemplo de Composição de Funções

É comum qualquer linguagem permitir esse tipo de comportamento. Entretanto, utilizar funções menores e mais simples para compor funções maiores e mais complicadas é uma forma de design comum em linguagens funcionais. Uma vantagem é que em linguagens funcionais as composições podem tornar-se mais legíveis utilizando funções de alta ordem

2.

```
1
2
3   let res = (sub4 compose mul2 compose add1)(1);
4   // 0 resultado da função é 0
```

Código 11 – Exemplo de Composição de Funções

² Aqui, a função `compose` recebe as funções `add1` e `mul2` e retorna a composição delas. A função resultante é recebida como parâmetro de `compose` novamente, assim como a função `sub4`, resultando em uma função equivalente a `sub4(mul2(add1()))`

3 Padrões de Projeto

Durante o processo de desenvolvimento de software orientado a objetos, problemas de design são comuns durante a fase de projeto. Alguns desses problemas eram tão comuns que foi feito um esforço para catalogá-los em um livro [19] que oferece possíveis soluções para os mesmos. Essas soluções tornaram-se conhecidas como os Padrões de Projeto Gang of Four, abreviados para Padrões de Projeto GoF.

Por definição, um padrão de projeto é uma solução reutilizável para um problema comum de design. Apesar deste trabalho se restringir ao contexto de engenharia de software, o conceito foi introduzido pelo arquiteto Christopher Alexander no livro *A Pattern Language* [20].

Com foco no design orientado a objetos, hoje os padrões GoF estão entre os padrões de projeto de software mais conhecidos. Os responsáveis por compilá-los foram Erich Gamma, Richard Helm, Ralph Johson e John Vlissides, o que deu origem ao nome Gang of Four. Ao todo, vinte e três padrões foram catalogados, os mesmos que serão o alvo deste trabalho.

De acordo com o livro, um padrão possui quatro elementos essenciais: um nome, um problema, uma solução e suas consequências. O nome é uma característica importante por tornar mais fácil referenciar um padrão. O problema descreve a situação em que o padrão é aplicado e a solução descreve como um conjunto de elementos pode resolver o problema proposto. Já as consequências mostram as vantagens e desvantagens do uso do padrão para um problema.

Como forma de organizar os padrões, o livro os separa por finalidade e por escopo. A separação por finalidade divide os padrões entre padrões criacionais, destinados ao processo de criação de objetos, padrões estruturais, que lidam com a forma em que o conjunto de classes e objetos está disposto e padrões comportamentais, focados na forma em que classes e objetos comunicam-se e distribuem suas responsabilidades. A separação por escopo divide os padrões no escopo de classe ou de objeto, onde o primeiro lida com a relação entre classes e subclasses através de herança, enquanto o segundo lida com formas de relacionamento mais dinâmicas entre os objetos, como delegação. Os padrões nesse trabalho serão separados apenas por finalidade, porém características que remetem ao escopo podem ser consideradas durante a análise.

3.1 Exemplo de padrão de projeto: Singleton

A descrição de cada padrão no livro segue uma estrutura muito similar, utilizada principalmente para apresentar os quatro elementos essenciais mencionados anteriormente. Como exemplo para demonstrar a forma como o livro apresenta cada padrão, o padrão criacional Singleton será demonstrado com uma breve explicação de cada tópico. Uma descrição mais sucinta dos outros padrões será apresentada durante o desenvolvimento deste trabalho, onde serão considerados apenas os elementos essenciais dos padrões na análise a partir do paradigma funcional.

Intenção

A intenção é uma forma curta de descrever o que o padrão faz, qual é sua intenção e que problema ele busca resolver. O Singleton busca garantir que uma classe tenha apenas uma instância, acessível globalmente.

Motivação

Este tópico ilustra um problema e demonstra como a estrutura do padrão o soluciona, tornando mais simples a compreensão das descrições mais abstratas que vêm a seguir. Para o Singleton, é utilizado como exemplo o spooler de uma impressora, um sistema de arquivos ou um gerenciador de janelas. Para todos esses casos, apenas um objeto precisa existir, ou seja, uma classe que representa algum desses elementos só precisa possuir uma instância de fácil acesso. É proposto tornar a própria classe responsável por gerenciar essa instância, garantindo que nenhum outra instância dela mesma seja criada e garantindo um meio de acesso a essa única instância.

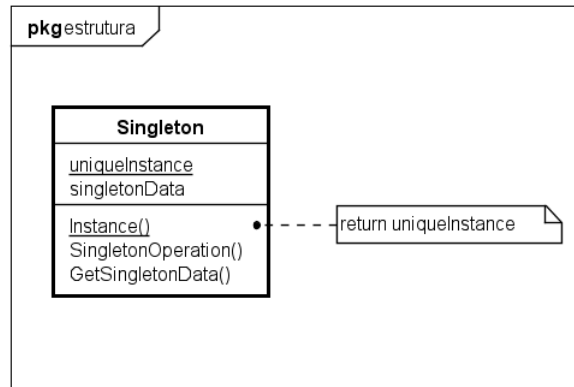
Aplicabilidade

A aplicabilidade descreve situações nas quais o padrão pode ser aplicado, exemplos de maus projetos que ele pode ajudar a tratar e ainda como reconhecer essas situações. No caso do Singleton, ele é utilizável quando for necessário possuir apenas uma instância de uma classe através de um ponto de acesso conhecido e quando essa única instância precisa ser extensível através de subclasses.

Estrutura

A estrutura apresenta o padrão graficamente, através de uma notação baseada na Object Modeling Technique (OMT) e às vezes em diagramas de interação. No caso do Singleton, apenas o seguinte diagrama é utilizado:

Figura 1 – Estrutura do Singleton utilizada como exemplo



Fonte: [19]

Participantes

Descreve as responsabilidades de cada classe que participa do padrão. Neste caso, existe apenas uma: o próprio Singleton, que define a operação de classe Instance, permitindo aos clientes acessarem sua única instância. Também pode ser o responsável por criar sua própria instância única.

Colaborações

Este tópico explica como as classes participantes colaboram para executar as responsabilidades especificadas. Para o Singleton, os clientes (ou seja, os objetos que o acessam) acessam a instância única pela operação Instance.

Consequências

As consequências descrevem os custos e benefícios para que o padrão possa realizar seu objetivo, além dos aspectos da estrutura de um sistema que ele permite variar independentemente. O Singleton enumera cinco benefícios:

Primeiro, acesso controlado à instância única, já que a única instância é encapsulada dentro da classe Singleton, ela possui controle total de como e quando ela pode ser acessada pelos clientes.

Segundo, espaço de nomes reduzido. Uma alternativa para o Singleton talvez fosse o uso de variáveis globais, porém o padrão evita que o espaço de nomes seja poluído com variáveis globais que utilizam instâncias únicas.

Terceiro, ele permite um refinamento de operações e da representação, ou seja, permite ao Singleton ter subclasses.

Quarto, permite um número variável de instâncias. Nesse caso, o padrão permite que, após ele ser implementado, seja simples mudar de ideia e a própria classe Singleton, dentro da operação Instance, volte a permitir um número indefinido ou até controlado de instâncias.

Quinto, é mais flexível do que operações de classe. Além das variáveis globais, operações de classe seriam outra alternativa para o Singleton, porém isso tornaria mais difícil voltar a ter mais de uma instância da classe, além de impedir, em certas linguagens, que subclasses redefinam operações estáticas polimorficamente.

Implementação

Explicita sugestões, técnicas ou riscos que devem ser conhecidos durante a implementação do padrão, além de considerações específicas de algumas linguagens. Para o Singleton, existem duas explicações de implementação.

A primeira refere-se à garantia da existência de apenas uma instância, onde é sugerido tornar a operação de criação do Singleton em uma operação de classe que possua acesso a um atributo que armazena a instância do Singleton, caso já exista. A segunda trata da criação de subclasses da classe Singleton, onde é sugerido registrar cada instância por nome para que uma classe cliente possa acessar o singleton desejado sem precisar conhecer todas as instâncias existentes. Ambas as implementações são exemplificadas na seção de exemplo de código.

Exemplo de Código

Como o nome já diz, demonstra o padrão através de um exemplo em código. O exemplo do Singleton é um construtor de labirintos, onde a classe que é responsável pela fabricação dos labirintos necessita de apenas uma instância. O código 12 apresenta a implementação do padrão sem o uso de subclasses, enquanto o código 13 apresenta uma versão com o uso de subclasses, onde as subclasses referenciadas são BombedMazeFactory e EnchantedMazeFactory. Ambos estão na linguagem C++ e foram retirados do livro, porém a implementação pode ser feita de forma equivalente em qualquer linguagem orientada a objetos.

```
1
2     class MazeFactory {
3     public:
4         static MazeFactory* Instance();
5
6         // interface existente vai aqui
7     protected:
8         MazeFactory();
9     private:
```



```

10     static MazeFactory* _instance;
11 };
12
13
14 // implementação:
15
16 MazeFactory* MazeFactory::_instance = 0;
17
18 MazeFactory* MazeFactory::Instance () {
19     if (_instance == 0) {
20         _instance = new MazeFactory;
21     }
22     return _instance;
23 }

```

Código 12 – Exemplo de Singleton sem subclasses

Fonte: [19]

```

1
2 MazeFactory* MazeFactory::Instance () {
3     if (_instance == 0) {
4         const char* mazeStyle = getenv("MAZESTYLE");
5
6         if (strcmp(mazeStyle, "bombed") == 0) {
7             _instance = new BombedMazeFactory;
8
9         } else if (strcmp(mazeStyle, "enchanted") == 0) {
10             _instance = new EnchantedMazeFactory;
11
12             // ... outras subclasses possíveis
13
14         } else { // default
15             _instance = new MazeFactory;
16         }
17     }
18     return _instance;
19 }

```

Código 13 – Exemplo de Singleton com subclasses

Fonte: [19]

Usos Conhecidos

Demonstra usos desse padrão em sistemas reais. No caso do Singleton, é mencionado o relacionamento entre classes e suas metaclasses. Um exemplo atual de uso de Singleton é

a ferramenta de injeção de dependência do .NET Core, onde um serviço pode comportar-se como um Singleton[\[21\]](#).

Padrões Relacionados

Os padrões relacionados apresentam padrões que possuem alguma relação ou que podem ser usados juntos do padrão proposto. São mencionados padrões que podem ser implementados utilizando o Singleton, que são o AbstractFactory, o Builder e o Prototype.

4 Scala

A maior parte deste trabalho utiliza demonstrações e exemplos implementados na linguagem de programação Scala. Por ser uma linguagem que mistura os conceitos de orientação e objetos e programação funcional, ela traz facilidades para transpor os conceitos e os padrões, porém, traz uma sintaxe que destoa do que é comumente visto em linguagens orientadas a objetos, o que pode prejudicar a compreensão dos exemplos em código dos padrões de projeto. O objetivo deste capítulo é explicar alguns conceitos e sintaxes da linguagem que serão vistos posteriormente.

4.1 Construtores

Em Scala, um construtor pode ser definido como todo o bloco de código envolvido pelas chaves na definição da classe, o que inclui também a declaração dos métodos e dos atributos[22]. O exemplo mais simples de um construtor está no código 14, onde a classe `Person` define os atributos `firstName` e `lastName`, que devem ser passados durante a instanciação da classe. Apenas essa linha é equivalente ao código 15, implementado em Java.

```
1
2  class Person(var firstName : String, var lastName : String)
```

Código 14 – Construtor Simples em Scala

```
1
2  public class Person {
3
4      private String firstName;
5      private String lastName;
6
7      public Person(String firstName, String lastName){
8          this.firstName = firstName;
9          this.lastName = lastName;
10     }
11
12     public String getFirstName(){
13         return this.firstName;
14     }
15
16     public String getLastName(){
17         return this.lastName;
18     }
19 }
```

```

20     public void setFirstName(String firstName){
21         this.firstName = firstName;
22     }
23
24     public void setLastName(String lastName){
25         this.lastName = lastName;
26     }
27 }

```

Código 15 – Construtor Simples em Java

Scala também faz uso de construtores auxiliares, definidos através de métodos com o nome `this`[22]. Dessa forma, é possível definir instâncias mais flexíveis para uma classe. Esse recurso pode ser visto no código 16.

```

1
2     class Person(var firstName : String, var lastName : String) {
3
4         def this(firstName : String) {
5             this(firstName, "Bar")
6         }
7
8         def this() {
9             this("Foo", "Bar")
10        }
11
12        def Operation(): Unit = {
13            println(lastName + ", " + firstName)
14        }
15
16    }

```

Código 16 – Construtor Auxiliar em Scala

4.2 Var e Val

A linguagem também permite definir, através das palavras chave `var` e `val`, valores mutáveis ou imutáveis. Ao declarar um atributo com a palavra chave `val`, o atributo torna-se imutável, sendo impossível alterar seu valor.[22, 23] Definir um atributo como `val` é semelhante a definir uma classe sem um método *setter* para aquele atributo. Caso o código 14 seja refatorado para tornar o atributo `lastName` imutável, como no código 17, a implementação em Java vista no código 15 tornaria-se semelhante à do código 18.

```

1
2     class Person(var firstName : String, var lastName : String)

```

Código 17 – Exemplo de Atributo Imutável

```

1
2     public class Person {
3
4         private String firstName;
5         private String lastName;
6
7         public Person(String firstName, String lastName){
8             this.firstName = firstName;
9             this.lastName = lastName;
10        }
11
12        public String getFirstName(){
13            return this.firstName;
14        }
15
16        public String getLastName(){
17            return this.lastName;
18        }
19
20        public void setFirstName(String firstName){
21            this.firstName = firstName;
22        }
23    }

```

Código 18 – Construtor Simples em Java

4.3 Trait

Uma trait é semelhante a uma interface em qualquer linguagem orientada a objetos. Ela define uma abstração de um comportamento e pode ser implementada por uma classe para indicar que ela implementa esse comportamento.[23] O código 19 define uma trait IButton com o método Click. Qualquer classe que implemente essa trait precisará definir uma implementação para o método Click. Já o código 20 mostra a classe Button, que implementa a trait IButton, e define a implementação de Click.

```

1
2     trait IButton {
3         def Click();
4     }

```

Código 19 – Exemplo de Trait

```

1
2     class Button extends IButton {
3         def Click(): Unit = println("Clicked")

```

Código 20 – Exemplo de classe que implementa uma trait

Apesar das semelhanças, diferente das interfaces em linguagens como Java, as traits podem definir métodos com implementações e até atributos, podendo servir como *mixins*[22]. Porém, essas diferenças vão além do uso que elas terão neste trabalho.

4.4 Operadores e Atributos de Classe

A linguagem Scala não possui o modificador *static*, utilizado para definir atributos e métodos de classe - ou seja, atributos e métodos que existem independentes da instância de uma classe.

Isso pode ser contornado através de *companion objects*. Um exemplo pode ser visto no código 21, onde existe a classe Companion e seu *companion object*, que deve possuir o mesmo nome e ser definido no mesmo arquivo que a classe. A operação StaticOperation é executada independente de existir uma instância da classe, acessada apenas através do nome Companion.

Externamente, os *companion objects* são acessados de forma semelhante aos membros estáticos de uma classe em Java, por exemplo. Isso pode ser visto no código 22, onde o método StaticOperation é acessado na função principal de um programa.

```
1
2 class Companion(private var name : String) {
3   def ClassOperation(): Unit = {
4     Companion.StaticOperation(name)
5   }
6 }
7
8 object Companion {
9   def StaticOperation(name : String): Unit = {
10    println("Hello, " + name)
11  }
12 }
```

Código 21 – Exemplo de companion object

```
1
2 object Main {
3   def main(args : Array[String]) : Unit = {
4     Companion.StaticOperation("Name1")
5     var companion = new Companion("Name2")
6     companion.ClassOperation()
7   }
```

Código 22 – Chamada de operações de um companion object

4.5 Listas imutáveis

Diferente das coleções vistas comumente em linguagens orientadas a objeto, em Scala as listas são tipos imutáveis. Isso significa que uma operação de adição ou concatenação em uma lista não modificará a lista que realiza a operação, mas sim retornará uma nova lista[23].

Os códigos 23 e 24 demonstram as operações de adição e concatenação em uma lista, respectivamente. É importante ressaltar que, mesmo as listas sendo imutáveis, o fato do atributo `numbers` ter sido declarado como `var` faz com que ele possa ser reatribuído com a nova lista resultante da operação.

```
1
2  var numbers : List[Int] = List()
3
4  def AddElement(number : Int): Unit = {
5      numbers = number :: numbers
6  }
```

Código 23 – Exemplo de adição em uma lista imutável

```
1
2  var numbers : List[Int] = List()
3
4  def ConcatElements(newNumbers : List[Int]): Unit = {
5      numbers = newNumbers :: numbers
6  }
```

Código 24 – Exemplo de concatenação em uma lista imutável

4.6 Unit

Em diversos exemplos em código desse capítulo (linha 12 em 16, linha 3 em 20, linha 4 em 23 e linha 4 em 24) foi possível ver a palavra chave `Unit`. Ela é semelhante ao valor `void` utilizado em linguagens de programação como C e Java para indicar que uma função ou método não retorna nenhum valor[22].

Parte III

Desenvolvimento

5 Orientação a Objetos no Contexto Funcional

Parte dos padrões de projeto que serão analisados usam ou dependem de conceitos de orientação a objetos como classes ou encapsulamento, o que torna necessário realizar um mapeamento desses conceitos para o paradigma funcional. A intenção desse mapeamento não é implementar orientação a objetos em uma linguagem funcional, mas entender qual é a utilidade de cada um desses conceitos e quais recursos em programação funcional podem oferecer essa mesma utilidade.

5.1 Classes e Objetos

Um objeto pode ser definido como uma representação do mundo real que possui características e comportamentos, enquanto uma classe é uma abstração dessa representação que define quais características e comportamentos um objeto deve possuir[24]. Essas características e comportamentos são representados em orientação a objetos como atributos e métodos, respectivamente. O código 25 demonstra uma classe que possui os atributos `name` e `age`, além dos métodos `getName`, `setName`, `getAge` e `setAge`, que realizam operações sobre esses atributos.

```
1
2   class Person(var name : String, var age : Int){
3
4       def getName() : String = this.name
5
6       def setName(name : String) : Unit = this.name = name
7
8       def getAge() : Int = this.age
9
10      def setAge(age : Int) : Unit = this.age = age
11
12  }
```

Código 25 – Classe comum em Orientação a Objetos

Dessa forma, é necessário definir uma estrutura em programação funcional que possua características e funções que operam sobre essas características. Para agrupar características pode ser utilizada uma tupla, uma estrutura que armazena uma quantidade fixa de valores com tipos predefinidos[25]. Como as tuplas não podem ser modificadas, elas respeitam o conceito de imutabilidade das linguagens funcionais.

Para representar os métodos de uma classe em uma linguagem funcional, já que nossa estrutura de dados imutável não armazenará funções¹ e já que é necessário que nossas funções sejam puras, uma abordagem de implementação desses métodos é definir funções que recebam como parâmetro um valor do tipo definido em nossa estrutura de dados imutável. Seguindo esses dois princípios, uma versão funcional da classe apresentada no código 25 pode ser vista no código 26.

```
1
2     type Person = (String, Int)
3
4     def getName(person : Person) : String = person._1
5
6     def setName(person : Person, name : String) : Person =
7         (name, person._2)
8
9     def getAge(person : Person) : Int = person._2
10
11    def setAge(person : Person, age : Int) : Person =
12        (person._1, age)
```

Código 26 – Representação de uma classe no contexto funcional

5.2 Associação, Agregação e Composição

Uma associação pode ser definida como uma conexão entre as classes que indica algum relacionamento entre elas[26]. O código 27 demonstra uma associação entre as classes City e State, onde a classe State possui uma coleção de atributos do tipo City. Para que haja uma associação entre duas classes, basta que pelo menos uma delas tenha em seus atributos uma referência à outra.

```
1
2     class City(var name : String){
3
4         def getName() : String = this.name;
5         def setName(name : String) : Unit {
6             this.name = name;
7         }
8     }
9
10    class State(var name : String, var cities : List[City]){
11
12        def getName() : String = this.name;
13        def setName(name : String) : Unit {
```

¹ Apesar de não ser uma abordagem utilizada neste trabalho, é possível armazenar funções nessas estruturas.

```

14         this.name = name;
15     }
16     def getCities() : List[City] = this.cities;
17     def addCity(city : City) : Unit {
18         this.cities = this.cities :+ city;
19     }
20 }

```

Código 27 – Exemplo de associação entre classes

Como foi visto anteriormente, os atributos podem ser representados por valores salvos dentro de uma tupla associada a um tipo. Portanto, uma associação dentro do contexto funcional pode ser implementada armazenando um valor de um tipo A entre os valores da tupla de um tipo B. O código 28.

```

1
2     type City = (String)
3
4     def getName(city : City) : String = city._1;
5     def setName(city : City, name : String) : City = (name)
6
7     type State = (String, City)
8
9     def getName(state : State) : String = state._1;
10    def setName(state : State, name : String) : State = (name, state._2)
11
12    def getCities(state : State) : List[City] = state._2;
13    def addCity(state : State, city : City) : State =
14        (state._1, state._2 :+ city)

```

Código 28 – Exemplo de associação no contexto funcional

5.3 Encapsulamento

A abordagem da seção anterior implementa classes e objetos, porém precisa ser reavaliada para que possa levar em consideração o encapsulamento. Encapsulamento pode ser definido como uma forma de limitar o acesso a um conjunto de dados ou comportamentos de um objeto [27]. A motivação para isso pode vir tanto da necessidade de concentrar as alterações externas que um objeto pode sofrer em apenas um lugar quanto evitar que esse objeto assuma um estado que não deveria ser representado.

Com a ideia de imutabilidade, pode-se assumir que um valor não será alterado em partes diferentes de uma aplicação, mas é possível que funções responsáveis por criar ou

modificar² um valor de um determinado tipo estejam espalhadas pela aplicação, facilitando uma situação em que um estado que não deveria ser representável por esse valor seja criado. Dessa forma, implementar alguma forma de encapsulamento ainda é importante no contexto funcional.

Existe mais de uma abordagem que torna possível implementar o encapsulamento em linguagens funcionais, o uso de GADTs - *Generalized Algebraic Data Types*[28] é uma delas. Closures também podem ser utilizadas ao armazenar valores de atributos enquanto retorna as funções necessárias para acessá-los ou modificá-los. Um exemplo equivalente ao do código 26 pode ser visto no código 29, implementado utilizando a linguagem funcional Clojure. [29]

```
1
2      (defn person [name age]
3        {:getName name
4         :setName (fn [_name] (person _name age))
5         :getAge age
6         :setAge (fn [_age] (person name _age))})
```

Código 29 – Representação de uma classe com closures

Apesar de não ser um conceito de programação funcional, também é possível aproveitar a ideia de modularização para esconder detalhes de implementação [30]. Por exemplo, o código 30, implementado em Haskell, mostra o tipo Person com um construtor P. Enquanto Person é exportado para fora do módulo P não é, tornando impossível para qualquer função que acesse esse módulo criar algo do tipo Person. Dessa forma, apenas a função newPerson pode por criar novos valores do tipo Person. Funções implementadas dentro do módulo também podem deixar de ser exportadas, o que as tornaria semelhantes a métodos privados de uma classe.

```
1
2      module Person (Person, getName, setName, getAge, setAge) where
3
4      data Person = P (String, Int)
5
6      newPerson :: String -> Int -> Person
7      newPerson name age = P (name, age)
8
9      getName :: Person -> String
10     getName (P (name, _)) = name
11
12     setName :: Person -> String -> Person
13     setName (P (_, age)) name = P (name, age)
14
```

² Uma função que modifica um valor é entendida como uma função que recebe um valor existente por parâmetro e retorna um novo valor do mesmo tipo.

```
15     getAge :: Person -> Int
16     getAge (P (_, age)) = age
17
18     setAge :: Person -> Int -> Person
19     setAge (P (name, _)) age = P (name, age)
```

Código 30 – Módulos como forma de encapsulamento

Todas essas abordagens são válidas para a implementação do encapsulamento, sendo a linguagem utilizada um fator mais decisivo do que a abordagem em si. Por exemplo, é mais simples implementar a abordagem de closures em Clojure por ela ser dinamicamente tipada, permitindo que um dicionário sem estrutura definida seja retornado. Linguagens que exigem uma definição mais estrita do tipo de retorno de uma função podem dificultar tanto a implementação dessas funções quanto seu uso no resto do programa.

Sendo o objetivo dessa seção demonstrar que o encapsulamento pode ser implementado e não definir como implementá-lo, a abordagem utilizada para o encapsulamento durante a análise dos padrões será omitida, a menos que ela seja relevante para sua implementação. Essa omissão também tem como objetivo facilitar o entendimento da abordagem funcional que será utilizada nos padrões.

5.4 Interfaces

Uma interface pode ser entendida como um contrato entre uma classe e o mundo externo, indicando que uma classe que implementa uma interface também implementará as operações definidas pela mesma[31]. Como na programação funcional as características e comportamentos são separados, a implementação de uma interface pode variar de acordo com o objetivo desejado. Em seguida, serão abordadas algumas situações que requerem interfaces e como elas poderiam ser implementadas.

A primeira situação é considerada no código 31, onde a interface é necessária para garantir que as classes InterfaceUserA e InterfaceUserB implementem a operação operation, que recebe como parâmetro um valor do tipo inteiro e retorna outro valor inteiro.

```
1
2     trait InterfaceUser {
3         def operation(x : Int) : Int
4     }
5
6     class InterfaceUserA extends InterfaceUser {
7         def operation(x : Int) : Int = x + 1
8     }
9
10    class InterfaceUserB extends InterfaceUser {
11        def operation(x : Int) : Int = 2*x
```

```

12     }
13
14     def runInterface(x : Int, interfaceUser : InterfaceUser) : Int {
15         return interfaceUser.operation(x)
16     }

```

Código 31 – Interfaces em Orientação a Objetos

Utilizando funções de alta ordem e levando em consideração que as funções que representam nossos métodos não estão encapsulados em classes e não dependem de atributos, podemos substituir o objeto sendo passado por parâmetro na função `runInterface` por uma função qualquer que recebe como parâmetro um valor inteiro e retorna outro valor inteiro. Essa alternativa pode ser vista no código [32](#).

```

1
2     def operation1(x : Int) : Int = x + 1
3
4     def operation(x : Int) : Int = 2*x
5
6     def runInterface(x : Int, operation : (Int => Int)) =
7         operation(x)

```

Código 32 – Interfaces em Programação Funcional

Outra situação em que interfaces são necessárias é quando deseja-se especificar um tipo ao qual dois tipos diferentes pertencem em comum. Por exemplo, no código [33](#) a função `makeAnimalSound` deve receber apenas objetos do tipo `Animal`, ou seja, que implementem a interface `Animal`.

```

1
2     trait Animal {
3         def makeSound() : Unit
4     }
5
6     class Dog extends Animal {
7         var dogSound = "Bark bark!"
8
9         def makeSound() : Unit {
10             print(dogSound)
11         }
12     }
13
14     class Cat extends Animal {
15         var catSound = "Meow!"
16
17         def makeSound() : Unit {
18             print(catSound)
19         }

```



```

20     }
21
22     def makeAnimalSpeak(animal : Animal) {
23         animal.makeSound()
24     }

```

Código 33 – Interfaces em Orientação a Objetos

Linguagens de programação funcionais podem recorrer às *typeclasses*³, que definem um tipo em comum para tipos diferentes. Esse recurso pode ser acompanhado de mais funcionalidades, como exigir que seus membros implementem certas operações - o que o torna mais semelhante ainda a uma interface. Porém, esse recurso não será utilizado neste trabalho. O código 34 demonstra seu uso.

```

1
2     trait Animal
3     case class Dog(val dogSound = "Bark bark!") extends Animal
4     def makeDogSound(dog : Dog) : Unit = print(dog.dogSound)
5
6     case class Cat(val catSound = "Meow!") extends Animal
7     def makeCatSound(cat : Cat) : Unit = print(cat.catSound)
8
9     def makeAnimalSpeak(animal : Animal, soundOperation : (Animal =>
10         Unit)) =
11         soundOperation()
12     makeAnimalSpeak(dog, makeDogSound)
13     makeAnimalSpeak(cat, makeCatSound)

```

Código 34 – Interfaces em Programação Funcional

5.5 Polimorfismo

5.6 Herança

Quando é desejado que uma classe seja incluída ou utilizada como base para a criação de outra classe, usa-se a herança[27]. Desas forma, é possível criar implementações mais específicas de classes já existentes e reaproveitar o código. O exemplo 35 demonstra o uso da herança entre as classes Animal e Dog. Ao invés de reimplementar os métodos da classe Animal, a classe Dog usa herança para reaproveitá-los.

```

1
2     class Animal(var name : String) {
3         def getName() : String = name

```

³ No caso de Scala, elas recebem o nome trait, o mesmo utilizado para declarar interfaces.

```

4
5     def eat() : String {
6         return "Meu nome é " + name + " e eu posso comer";
7     }
8 }
9
10 class Dog extends Animal {
11
12     def Dog(name : String) {
13         super(name);
14     }
15
16     def bark() : String {
17         return "Bark! Meu nome é " + super.getName();
18     }
19
20     def eat() : String {
21         return super.eat() + "\nEu como comida de cachorro";
22     }
23 }

```

Código 35 – Herança em Orientação a Objetos

No contexto funcional, um comportamento semelhante pode ser alcançado através da composição. Um tipo A que deseja herdar as funcionalidades de um tipo B deve possuir uma instância desse mesmo tipo em seus atributos. Para os métodos do tipo A, basta que as funções do tipo B sejam compostas das funções necessárias do tipo A. O código 36 demonstra o exemplo anterior, onde um tipo Animal armazena um valor String que representa o nome enquanto o tipo Dog armazena um valor Animal. As funções bark e eat que recebem como parâmetro um valor do tipo Dog reutilizam as funções getName e eat que recebem como parâmetro um valor do tipo Animal. Nesse exemplo, o tipo Animal representa uma classe pai e o tipo Dog uma class filha.

```

1
2     type Animal = (String)
3
4     def getName(animal : Animal) : String = animal._1;
5     def eat(animal : Animal) : String =
6         "Meu nome é " + getName(animal) + " e eu posso comer"
7
8     type Dog = (Animal)
9
10    def getAnimal(dog : Dog) : Animal = dog._1;
11    def bark(dog : Dog) : String =
12        "Bark! Meu nome é " + getName(getAnimal(dog))
13    def eat(dog : Dog) : String =
14        eat(getAnimal(dog)) + "\nEu como comida de cachorro";

```

Código 36 – Herança em Programação Funcional

É possível perceber que a implementação da herança assemelha-se à implementação de uma associação. Esses dois relacionamentos são diferentes, pois a herança trata-se de um relacionamento entre classes enquanto a associação é um relacionamento entre objetos[24]. Foi possível observar que essa implementação cumpre o objetivo da herança - favorecer o reuso - e como os valores no contexto funcional são imutáveis, não é possível que o valor que representa a classe pai seja modificado externamente.

Essa implementação apresenta uma desvantagem: qualquer função do tipo que representa a classe pai, que poderia ser acessada diretamente a partir da classe filho no contexto orientado a objetos, necessitaria de uma função intermediária do tipo que representa a classe filha para acessá-la. Para contornar esse problema, basta implementar uma função de acesso que retorne o valor do tipo da classe pai, como a função `getAnimal` no código 36. Porém, isso faz com que, do ponto de vista orientado a objetos, a implementação se torne uma associação e não uma herança.

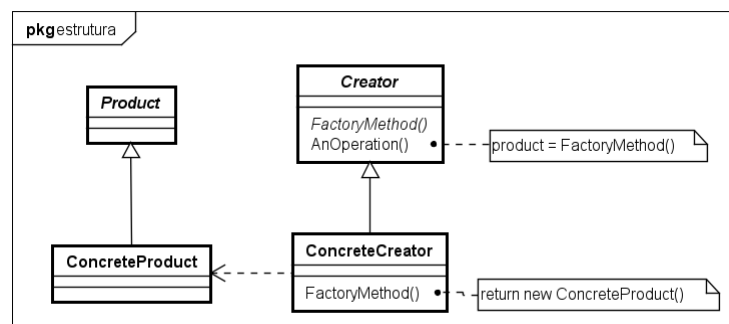
6 Padrões Criacionais

6.1 Factory Method

O Factory Method define uma interface para criar objetos de forma que a responsabilidade de criação desses objetos seja da classe que irá implementá-la. Dessa forma, a interface não precisa saber qual classe deve ser instanciada, permitindo que versões diferentes ou implementações específicas de um mesmo tipo de objeto possam ser criadas.

Na figura 2 é demonstrada a estrutura do padrão, onde a classe abstrata Creator define a operação abstrata que cria o objeto, o FactoryMethod. A classe ConcreteCreator implementa o FactoryMethod, criando um objeto do tipo ConcreteProduct, que é uma implementação específica de Product. Dessa forma, a classe abstrata Creator não precisa saber qual implementação de Product será criada.

Figura 2 – Estrutura do Factory Method

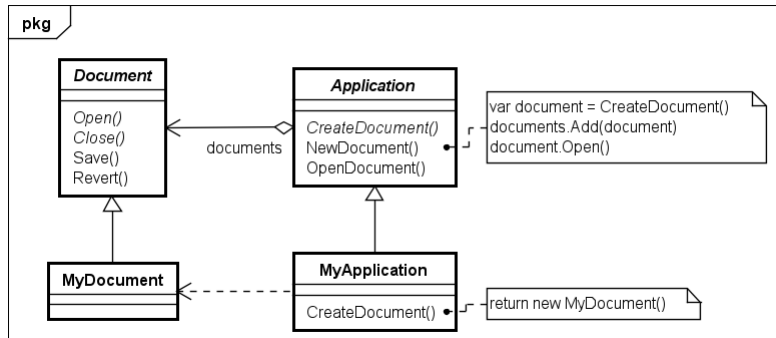


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo é apresentado um *framework* que cria e apresenta para o usuário múltiplos documentos. Para isso, a classe abstrata Application é definida com a operação abstrata CreateDocument e com uma lista de objetos que implementam a interface Document. A classe concreta MyDocument implementa Document e define um tipo de documento que pode ser utilizado pelo *framework*, enquanto a classe concreta MyApplication herda de Application e implementa a operação CreateDocument para que ela crie um objeto do tipo MyDocument. O diagrama de classes para o exemplo pode ser visto na figura 3, enquanto a implementação pode ser vista no código 37.

```
1
2 abstract class Document {
3     def Open()
```

Figura 3 – Exemplo de Factory Method



```

4  def Close()
5  def Save()
6  def Revert()
7  }
8
9  abstract class Application {
10     var documents : List[Document] = List()
11
12     def CreateDocument() : Document
13
14     def NewDocument() : Unit = {
15         val doc = CreateDocument()
16         this.documents = doc :: this.documents
17         doc.Open()
18     }
19
20     def OpenDocument(): Unit = {
21         println("Abre um documento")
22     }
23 }
24
25 class MyApplication extends Application {
26     def CreateDocument(): Document = new MyDocument()
27 }
28
29 class MyDocument extends Document {
30     def Open(): Unit = {
31         //...
32     }
33
34     def Close(): Unit = {
35         //...
36     }
37 }

```

```

38  def Save(): Unit = {
39      //...
40  }
41
42  def Revert(): Unit = {
43      //...
44  }
45 }

```

Código 37 – Factory Method Orientado a Objetos

Contexto Funcional

As funções de alta ordem tornam desnecessária a criação de uma especialização para a classe Application vista no exemplo orientado a objetos. Uma função da aplicação pode receber como parâmetro a função responsável pela criação do documento, bastando que ao ser chamada, seja passada a função de criação do documento específico.

O código 38 demonstra a definição do tipo Document, na linha 2, além da função que cria um tipo específico de documento, na linha 4. Uma função qualquer da aplicação, por exemplo, a função ApplicationFunction definida na linha 8, recebe como parâmetro uma função que retorna um documento. Por fim, na linha 14, pode ser vista a chamada da função ApplicationFunction recebendo a função de criação CreateMyDocument.

```

1
2  type Document
3
4  def CreateMyDocument() : Document = {
5      // Cria o documento específico para o framework
6  }
7
8  def ApplicationFunction(createDocument : () => Document): Unit = {
9      // ...
10     val documnt = createDocument()
11     // ...
12 }
13
14 ApplicationFunction(CreateMyDocument)

```

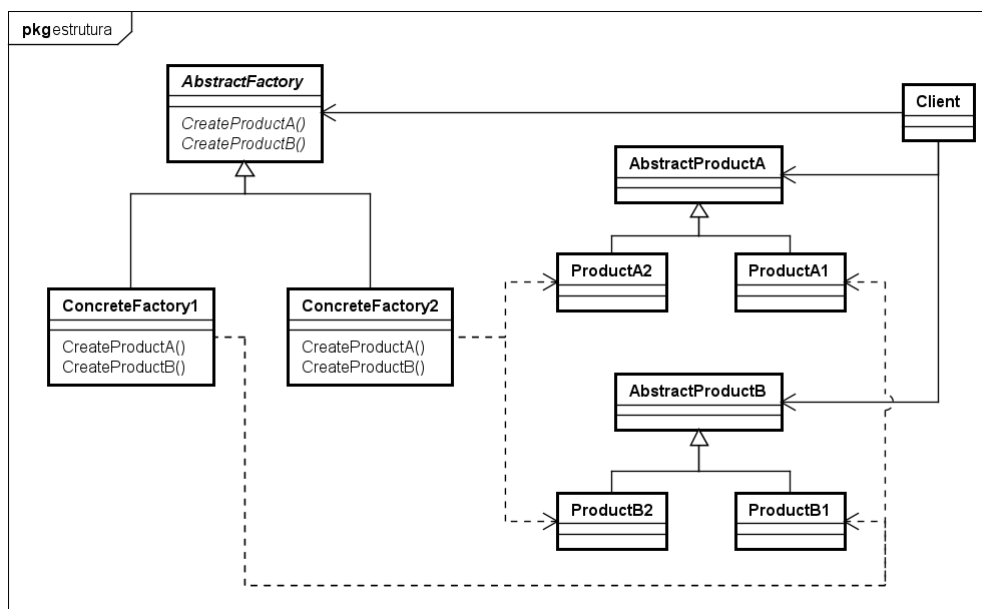
Código 38 – Factory Method Funcional

6.2 Abstract Factory

O padrão Abstract Factory define uma família de objetos relacionados e uma interface para criá-los, sem definir a implementação. Dessa forma, diferentes implementações desse conjunto de objetos podem ser utilizadas sem que as classes cliente que os utilizam precisem conhecer sua implementação.

O diagrama apresentado na figura 4 demonstra a estrutura desse padrão, onde a interface AbstractFactory suporta as famílias ConcreteFactory1 e ConcreteFactory2, com cada uma delas definindo qual implementação das interfaces AbstractProductA e AbstractProductB serão utilizadas.

Figura 4 – Estrutura do Abstract Factory

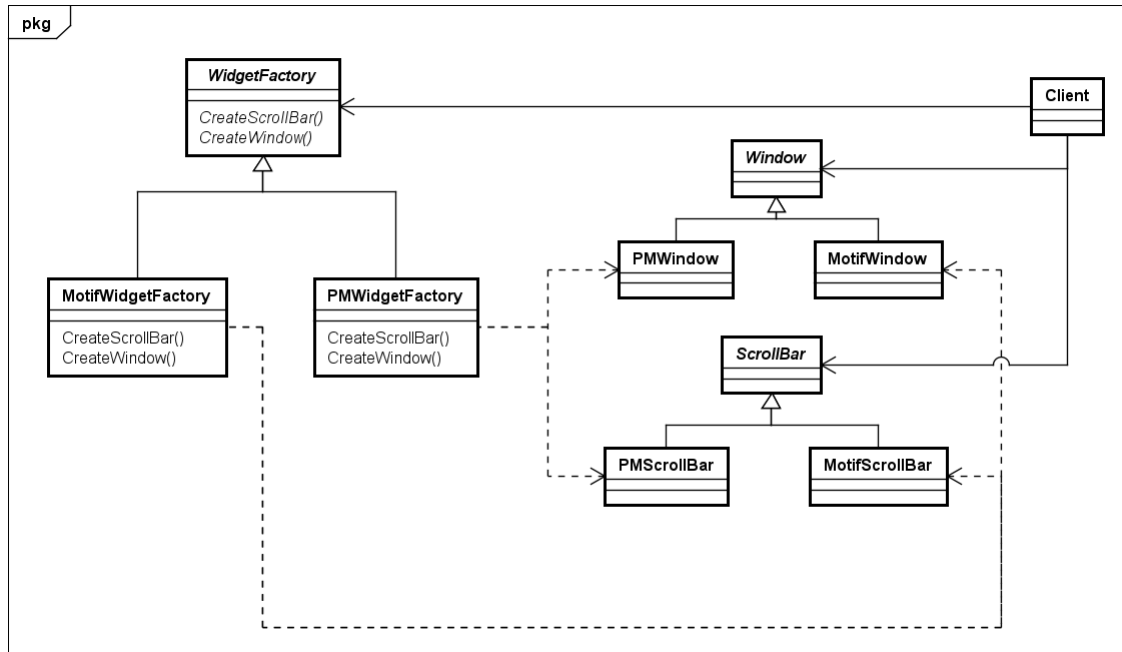


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, é apresentado um *toolkit* que suporta tipos diferentes de interação para seus *widgets*, como Motif ou Presentation Manager (PM). Dessa forma, para que a aplicação não precise ser dependente de cada tipo diferente de *widgets*, é utilizado o padrão Abstract Factory para definir uma família de objetos de Widget diferente para cada tipo de interação.

A implementação do padrão é demonstrada no diagrama de classes da figura 5 e no código 39. Uma interface **WidgetFactory** define as operações de criação de todos os *widgets* possíveis, enquanto as classes **MotifWidgetFactory** e **PMWidgetFactory** implementam sua criação para os tipos de interação suportados.

Figura 5 – Exemplo de Abstract Factory



```

2 trait WidgetFactory {
3     def CreateScrollBar() : ScrollBar
4     def CreateWindow() : Window
5 }
6
7 trait Window
8 trait ScrollBar
9
10 class MotifWidgetFactory extends WidgetFactory {
11     def CreateScrollBar(): ScrollBar = new MotifScrollBar()
12     def CreateWindow(): Window = new MotifWindow()
13 }
14
15 class PMWidgetFactory extends WidgetFactory {
16     def CreateWindow(): Window = new PMWindow()
17     def CreateScrollBar(): ScrollBar = new PMScrollBar()
18 }
19
20 class PMWindow extends Window {
21     // Implementação de PMWindow
22 }
23
24 class MotifWindow extends Window {
25     // Implementação de MotifWindow
26 }
27

```

```

28 class PMScrollBar extends ScrollBar {
29     // Implementação de PMScrollBar
30 }
31
32 class MotifScrollBar extends ScrollBar {
33     // Implementação de MotifScrollBar
34 }

```

Código 39 – Abstract Factory Orientado a Objetos

Contexto Funcional

As classes e interfaces *factory* podem ser substituídas por funções de alta ordem recebidas pela função cliente. No código 40, são definidos, nas linhas 2 e 3, os tipos `ScrollBar` e `Window`, referentes aos *widgets* suportados pela ferramenta. Da mesma forma, são definidas as operações de criação desses *widgets* para os tipos PM e Motif. Nas linhas 5 e 8 são definidas as operações para o tipo PM, enquanto nas linhas 12 e 15 são definidas as para o tipo Motif.

Na linha 19, é definida uma função cliente, que no diagrama da figura 5 poderia estar definida na classe `Client`. Ela recebe como parâmetro as funções para criação de cada *widget*. Por fim, na linha 28, é demonstrada a chamada dessa função receendo como parâmetro as funções para criar um *scrollbar* e uma janela para o tipo PM.

```

1
2 type Scrollbar
3 type Window
4
5 def CreatePMScrollBar() : Scrollbar = {
6     // Criação da scrollbar PM
7 }
8 def CreatePMWindow() : Window = {
9     // Criação da janela PM
10 }
11
12 def CreateMotifScrollBar() : Scrollbar = {
13     // Criação da scrollbar Motif
14 }
15 def CreateMotifWindow() : Window = {
16     // Criação da janela Motif
17 }
18
19 def ClientFunction(
20     scrollbarFactory : () => Scrollbar,
21     windowFactory : () => Window): Unit = {
22     // ...

```

```

23  val scrollbar = scrollbarFactory()
24  val window = windowFactory()
25  // ...
26 }
27
28 ClientFunction(CreatePMScrollBar, CreatePMWindow)

```

Código 40 – Abstract Factory Funcional

No código 40, seria possível passar para a classe cliente *widgets* de tipos misturados, já que são definidos parâmetros diferentes para cada função de criação. Caso seja desejado um exemplo mais próximo do demonstrado no diagrama da figura 5, é possível encapsular as funções de criação em uma tupla. Isso pode ser visto no código 41, onde o tipo `WidgetFactory`, definido na linha 2, armazena tanto uma função para a criação de um *scrollbar* quanto a função para a criação de uma janela. A função cliente, redefinida na linha 10, agora recebe como parâmetro um valor do tipo `WidgetFactory`.

```

1
2 type WidgetFactory = (
3   () => ScrollBar,
4   () => Window
5 )
6
7 val PMWidgetFactory : WidgetFactory =
8   (CreatePMScrollBar, CreatePMWindow)
9
10 def ClientFunction(factory : WidgetFactory) : Unit = // ...
11
12 ClientFunction(PMWidgetFactory)

```

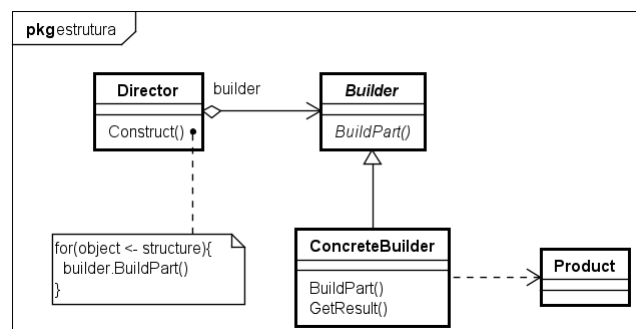
Código 41 – Abstract Factory Funcional usando tuplas

6.3 Builder

Quando é necessário criar objetos complexos, o padrão Builder retira a responsabilidade de criação do objeto a ser criado e a coloca em classes separadas, que constroem o objeto por partes. Isso permite que um mesmo processo de criação possa gerar representações diferentes desse mesmo objeto.

A figura 6 apresenta a estrutura do Builder, onde a interface Builder é responsável por criar uma parte do objeto. A classe ConcreteBuilder, que implementa a interface Builder, implementa os métodos de construção de uma parte do tipo Product. A classe Director é responsável por executar a criação das partes do objeto.

Figura 6 – Estrutura do Builder



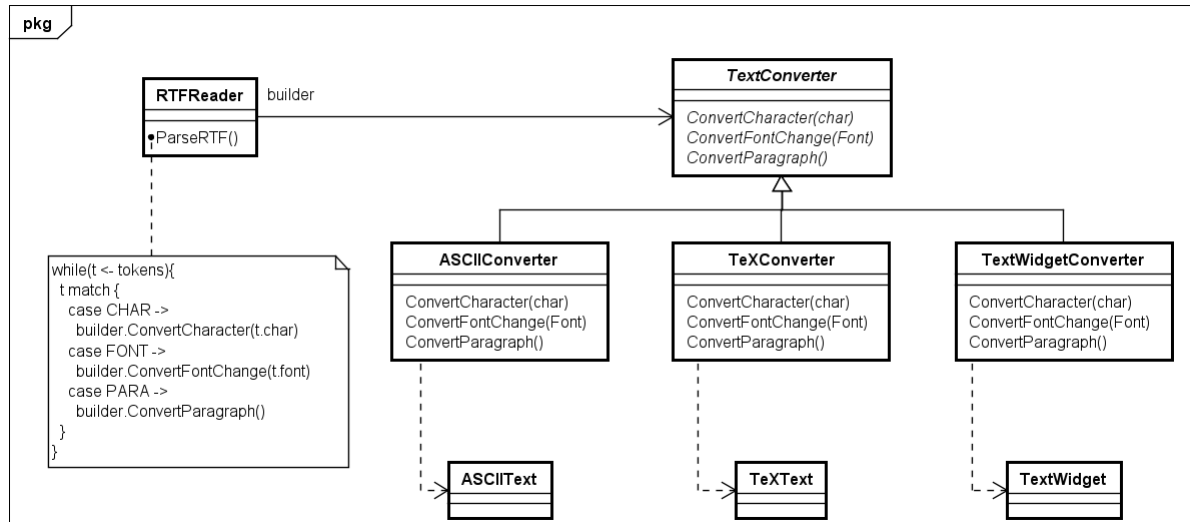
Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, podemos observar um leitor de documentos do tipo RTF (*Rich Text Format*), que deve permitir a conversão de documentos RTF para outros formatos, como texto em ASCII ou em um *widget* de texto que pode ser editado de forma iterativa. Como a quantidade de formatos possíveis é grande, deve ser possível adicionar novos formatos sem que seja necessário modificar a classe do leitor de documentos RTF.

O diagrama de classes apresentado na imagem 7 demonstra o uso do padrão Builder para esse exemplo. Para cada formato possível de conversão, uma nova classe Builder é criada. As classes `ASCIIConverter`, `TeXConverter` e `TextWidgetConverter` representam, respectivamente, os *builders* para os conversores para texto em ASCII, LaTeX e *widget* de texto. A classe `RTFReader` chama as operações de construção apenas dos conversores desejados. O exemplo de implementação dessa abordagem é apresentado no código 42.

```
1
2 trait TextConverter {
3   def ConvertCharacter(char : Char)
4   def ConvertFontChange(font : String)
5   def ConvertParagraph()
6 }
```

Figura 7 – Exemplo de Builder



```

7
8 class ASCIIConverter(val asciiText: ASCIIText) extends TextConverter {
9
10     def ConvertCharacter(char : Char): Unit = {
11         //Converter char
12     }
13
14     def ConvertFontChange(font : String): Unit = {
15         //Converter fonte
16     }
17
18     def ConvertParagraph(): Unit = {
19         //Converte parágrafo
20     }
21 }
22
23 class TeXConverter(val texText : TeXText) extends TextConverter {
24     def ConvertCharacter(char: Char): Unit = {
25         //Converter char
26     }
27
28     def ConvertFontChange(font : String): Unit = {
29         //Converter fonte
30     }
31
32     def ConvertParagraph(): Unit = {
33         //Converte parágrafo
34     }
35 }

```

```

36
37 class TextWidgetConverter(val textWidget: TextWidget) extends
    TextConverter {
38     def ConvertCharacter(char: Char): Unit = {
39         //Converter char
40     }
41
42     def ConvertFontChange(font : String): Unit = {
43         //Converter fonte
44     }
45
46     def ConvertParagraph(): Unit = {
47         //Converte parágrafo
48     }
49 }
50
51 class RTFReader(var textConverter: TextConverter) {
52
53     def SetTextConverter(textConverter: TextConverter): Unit = {
54         this.textConverter = textConverter
55     }
56
57     def ParseRTF(): Unit = {
58         val tokens : List[Token] = List()
59         // ...
60         for(t <- tokens) {
61             t.Type match {
62                 case TokenType.CHAR => textConverter.ConvertCharacter(t.
                    Character)
63                 case TokenType.FONT => textConverter.ConvertFontChange(t.Font)
64                 case TokenType.PARAGRAPH => textConverter.ConvertParagraph()
65             }
66         }
67         // ...
68     }
69 }

```

Código 42 – Builder Orientado a Objetos

Contexto Funcional

```

1
2 def ParseRTF(convertCharacter : Char => Token,
3     convertFontChange : String => Token,
4     convertParagraph : String => Token)
5 : List[Token] => List[Token] = (tokens : List[Token]) => {

```

```
6  val parseRest = (tokens : List[Token]) => ParseRTF(convertCharacter ,
7  // ...
8  tokens.head.Type match {
9  case TokenType.CHAR => convertCharacter(tokens.head.Character) ::
    parseRest(tokens.tail)
10 case TokenType.FONT => convertFontChange(tokens.head.Font) ::
    parseRest(tokens.tail)
11 case TokenType.PARAGRAPH => convertParagraph(tokens.head.Paragraph) ::
    parseRest(tokens.tail)
12 }
13 // ...
14 }
```

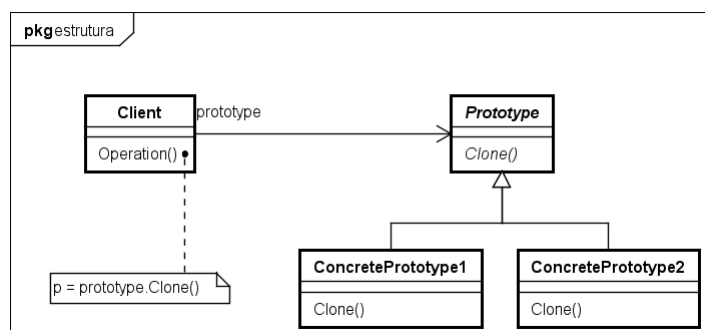
Código 43 – Builder Funcional

6.4 Prototype

O padrão Prototype permite reduzir a quantidade de subclasses definidas em uma aplicação substituindo-as por instâncias predefinidas que podem ser reutilizadas em tempo de execução. Objetos que funcionam como protótipos podem ser clonados e assim reutilizados por outros objetos, sendo uma alternativa à herança.

A estrutura do padrão, apresentada na imagem 8, mostra uma interface Prototype que define a operação Clone, responsável por copiar o protótipo reutilizável de um objeto. As classes ConcretePrototype implementam essa interface e a operação que retorna essa cópia. A classe Client acessa o protótipo através da operação Clone. Essa dinâmica permite que a classe cliente não precise conhecer o objeto clonado nem sua implementação, o que as torna independentes e diminui o acoplamento.

Figura 8 – Estrutura do Prototype

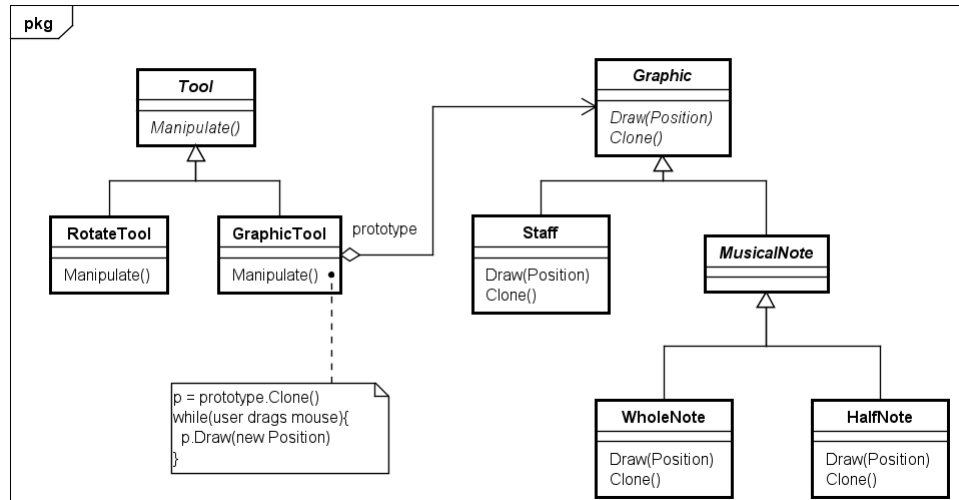


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo de uso do Prototype, um *framework* de editores gráficos deseja ser utilizado para construir um editor de partituras musicais. A classe responsável pelo desenho de elementos gráficos na tela não conhece as classes de notas musicais que precisam ser desenhadas. Ao invés de criar uma subclasse para cada novo elemento gráfico, a classe responsável pelo desenho pode ser implementada de forma que receba um objeto protótipo que não precisa ser conhecido. Dessa forma, trocando a herança por uma delegação, é possível desenhar qualquer elemento musical, desde que ele possa ser clonado. A figura 9 e o código 44 ilustram esse cenário.

```
1
2 trait Graphic {
3     def Draw(position : Position)
4     def Clone() : Graphic
5 }
6
7 class Staff extends Graphic {
```


Figura 9 – Exemplo de Prototype



```

8  def Draw(position : Position) :Unit = {
9      println("Desenha elemento")
10 }
11
12 def Clone() : Graphic = this.Clone()
13 }
14
15 trait MusicalNote extends Graphic
16
17 class WholeNote extends MusicalNote {
18     def Draw(position : Position) : Unit = {
19         println("Desenha nota musical")
20     }
21
22     def Clone() : Graphic = this.Clone()
23 }
24
25 class HalfNote extends MusicalNote {
26     def Draw(position: Position): Unit = {
27         println("Desenha nota musical")
28     }
29
30     def Clone() : Graphic = this.Clone()
31 }
32
33 class GraphicTool(var prototype : Graphic) {
34
35     def Manipulate() : Unit = {
36         var p = this.prototype.Clone()
37         while(User.DragsMouse()) {

```

```
38     p.Draw(newPosition)
39 }
40 //...
41 }
42 }
```

Código 44 – Prototype Orientado a Objetos

Contexto Funcional

```
1
2 def GeneratePrototype(graphic : Graphic): () => Graphic =
3   () => graphic
4
5 def ManipulateGraphic(Clone : () => Graphic) = {
6   val p = Clone()
7   while(dragMouse){
8     Draw(p, newPosition)
9   }
10 }
```

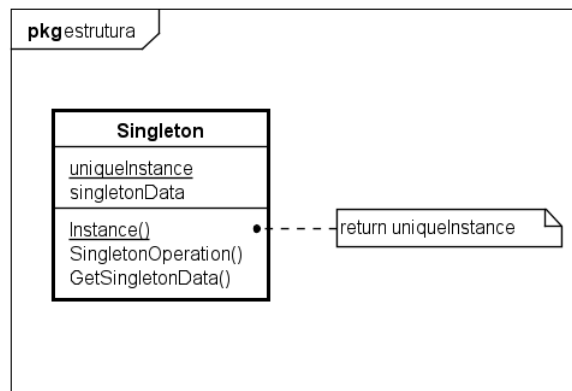
Código 45 – Prototype Funcional

6.5 Singleton

O padrão Singleton garante que um objeto possuirá apenas uma instância. Além disso, fornece um único ponto, acessível globalmente, a essa instância. Essa implementação é útil para implementar classes que fornecem serviços sem que seja necessário instanciar vários objetos idênticos em locais diferentes do código.

A figura 10 demonstra a implementação do padrão. A classe Singleton possui um método construtor privado e armazena no atributo estático `uniqueInstance` uma instância de Singleton. Através do método de classe `Instance`, é verificado se já existe uma instância armazenada no atributo `uniqueInstance`. Caso já exista, ela é retornada. Caso não, a instância única é criada para ser retornada nas chamadas posteriores de `Instance`.

Figura 10 – Estrutura do Singleton

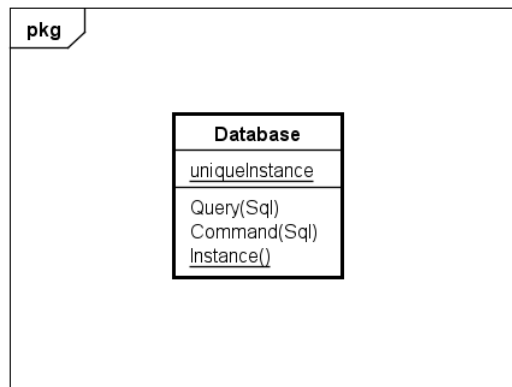


Exemplo Orientado a Objetos

Uma classe define as operações para realizar transações com uma base de dados. Como a instância dela é idêntica independente do cliente que a utiliza, não existe a necessidade de replicar essas instâncias pelo código. Ela pode ser transformada em um Singleton, o que faz com que toda classe que deseja fazer uma transação na base de dados apenas solicite uma instância e realize as operações. A definição da classe do exemplo pode ser vista na figura 11 e no código 46.

```
1
2 class Database private(){
3     def Query(sql : String) : Object = {
4         //Execute query
5         null
6     }
7     def Command(sql : String) : Unit = {
8         //Execute command
9     }
```

Figura 11 – Exemplo de Singleton



```
10 }
11
12 object Database {
13     private var instance : Database = null
14
15     def Instance() : Database = {
16         if(instance == null){
17             instance = new Database()
18         }
19         instance
20     }
21 }
```

Código 46 – Singleton Orientação a Objetos

Contexto Funcional

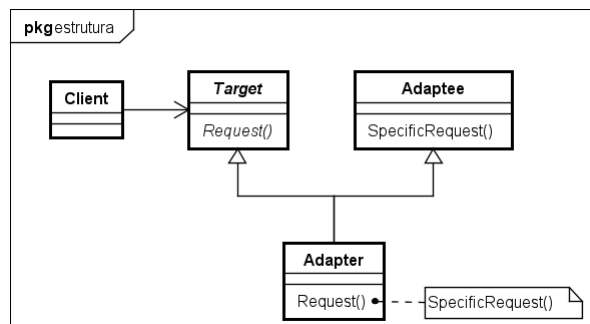
7 Padrões Estruturais

7.1 Adapter

Quando a interface de uma classe, objeto ou biblioteca não é compatível com a interface atual do cliente que deseja utilizar essa interface, o padrão Adapter fornece uma solução que evita a refatoração e a dependência da interface do cliente da interface desejada.

Existem duas formas de realizar essa adaptação. Um Adapter de classe, apresentado na figura 12, só é possível para linguagens que implementam herança múltipla. Ele define uma classe que herda tanto da classe que apresenta a interface da aplicação quanto da classe que representa a interface que deseja ser utilizada. Ao reescrever a operação Request, ele adapta sua entrada para a de SpecificRequest, repassando a solicitação.

Figura 12 – Estrutura do Adapter de Classe

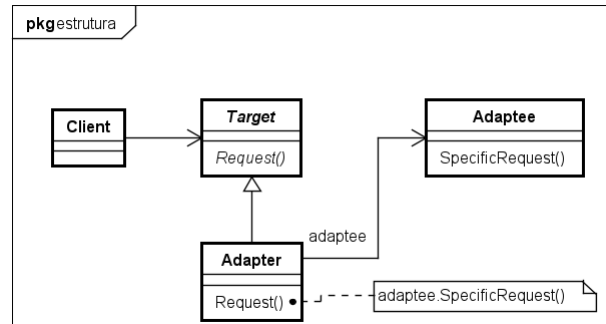


Já o Adapter de Objeto, apresentado na figura 13, herda apenas da classe que apresenta a interface da aplicação, também reimplementando a operação Request. A diferença é que ela repassa a solicitação para a classe que apresenta a interface que deseja ser utilizada através de uma delegação.

Exemplo Orientado a Objetos

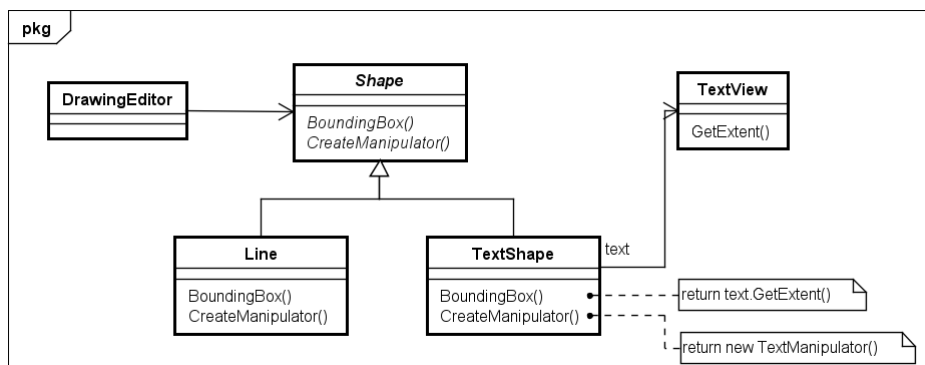
Como exemplo é apresentada uma ferramenta gráfica que permite a edição de diversos objetos gráficos simples, entre eles linhas e polígonos. Porém, a aplicação deseja também editar elementos textuais, que são mais complexos de se gerenciar. Como já existem ferramentas prontas para gerenciar esse tipo de elemento, é desejado reutilizá-lo. Já que as ferramentas prontas não foram feitas pensando na aplicação de ferramenta gráfica do exemplo, uma classe Adapter é implementada para adaptar a ferramenta textual para a aplicação que deseja utilizá-la. Para esse exemplo, é utilizada a abordagem de Adapter

Figura 13 – Estrutura do Adapter de Objeto



de objeto, onde um objeto do tipo da ferramenta textual é armazenado. O diagrama de classes do exemplo pode ser visto na figura 14, enquanto a implementação em código pode ser vista no código 47.

Figura 14 – Exemplo de Adapter



```

1
2 abstract class Shape(var bottomLeft : Point, var topRight : Point) {
3     def BoundingBox() : Int
4     def CreateManipulator()
5 }
6
7 class Line(bottomLeft : Point, topRight : Point)
8     extends Shape(bottomLeft, topRight) {
9
10    def BoundingBox() : Int = 0
11    def CreateManipulator() : Unit = {
12        //Line Manipulator
13    }
14 }
15
16 class TextShape(bottomLeft : Point, topRight : Point, text : TextView)
17     extends Shape(bottomLeft, topRight) {

```

```

18
19     def BoundingBox() : Int = text.GetExtent()
20     def CreateManipulator() : Unit = {
21         //TextManipulator
22     }
23 }
24
25 class TextView(var x : Point, var y : Point, var width : Int, var height
    : Int) {
26     def GetExtent() : Int = {
27         // Retorna extensão do texto
28     }
29 }

```

Código 47 – Adapter Orientado a Objetos

Contexto Funcional

No código 48, a função BoudingBox, declarada na linha 2, recebe como parâmetro uma operação de um objeto gráfico. Porém, é desejado utilizar a operação GetExtent, declarada na linha 7, de um *text view* que não é comportado pela ferramenta. Para que essa operação possa ser reutilizada, a função AdaptTextShapeBoundingBox, declarada na linha 11, recebe como parâmetro o *text view* e retorna uma função que executa GetExtent, com a assinatura necessária para ser recebida pela função BoundingBox. Com o uso das funções de alta ordem, foi necessário apenas uma nova função intermediária para realizar a adaptação.

```

1
2 def BoundingBox(CalculateBounding : () => Int) : Int = {
3     // ...
4     CalculateBounding()
5 }
6
7 def GetExtent(view : TextView) : Int = {
8     //Retorna extensão do texto
9 }
10
11 def AdaptTextShapeBoundingBox(view : TextView): () => Int =
12     () => {
13         // ...
14         GetExtent(view)
15     }

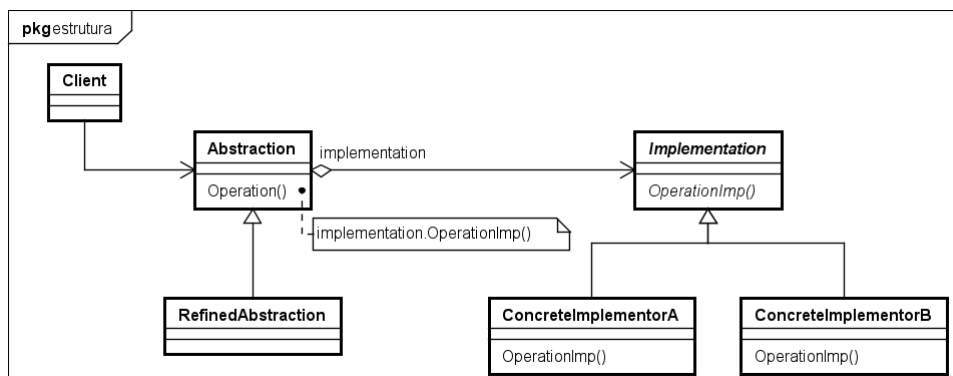
```

Código 48 – Adapter Funcional

7.2 Bridge

O padrão Bridge permite variar as abstrações e as implementações de um problema de forma independente, definindo uma interface que serve como ponte entre ambas. As operações da implementação são delegadas para essa nova interface, permitindo que as abstrações sejam implementadas sem precisar conhecer o tipo de implementação que está sendo utilizado. A estrutura do padrão pode ser vista na figura 15.

Figura 15 – Estrutura do Bridge

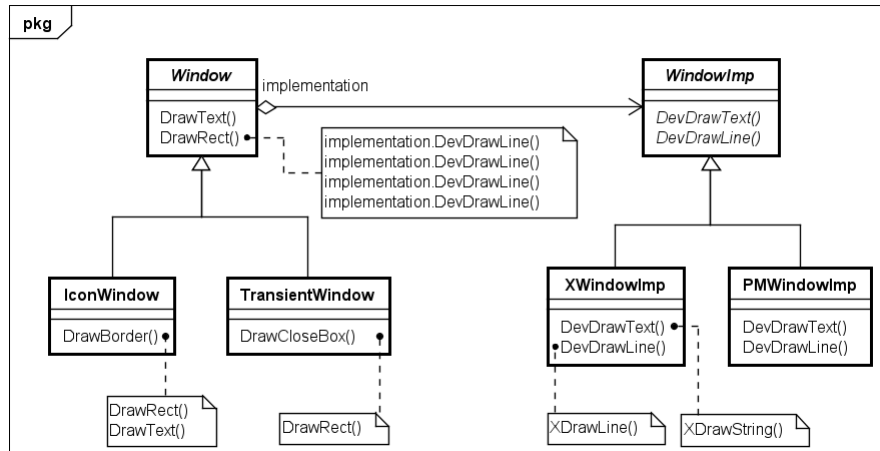


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, pode ser considerada a implementação de uma janela em um *toolkit* para construir interfaces de usuários, que permite o uso de implementações diferentes de janela: PM e XWindow. Além disso, é preciso definir tipos diferentes de janela, como janelas para ícones e janelas de transitórias. Para que não seja necessário implementar uma versão diferente de janela de ícone e transitória para cada implementação diferente de janela, o padrão Bridge pode ser usado para separar a implementação da abstração em duas hierarquias diferentes. O diagrama de classes da figura 16 e o código 49 demonstram o uso do padrão para esse exemplo.

```
1
2 abstract class Window(imp : WindowImp) {
3     def DrawText() : Unit = {
4         imp.DevDrawText()
5     }
6
7     def DrawRect() : Unit = {
8         imp.DevDrawLine()
9         imp.DevDrawLine()
10        imp.DevDrawLine()
11        imp.DevDrawLine()
12    }
```


Figura 16 – Exemplo de Bridge



```

13 }
14
15 class IconWindow(imp : WindowImp) extends Window(imp) {
16   def DrawBorder() : Unit = {
17     DrawRect()
18     DrawText()
19   }
20 }
21
22 class TransientWindow(imp : WindowImp) extends Window(imp){
23   def DrawCloseBox() : Unit = {
24     DrawRect()
25   }
26 }
27
28 trait WindowImp {
29   def DevDrawText()
30   def DevDrawLine()
31 }
32
33 class XWindowImp extends WindowImp {
34   def DevDrawText() : Unit = {
35     //Desenha texto para janela X
36   }
37   def DevDrawLine() : Unit = {
38     //Desenha linha para janela X
39   }
40 }
41
42 class PMWindowImp extends WindowImp {
43   def DevDrawLine(): Unit = {

```

```
44     //Desenha linha para janela PM
45 }
46 def DevDrawText(): Unit = {
47     //Desenha texto para janela PM
48 }
49 }
```

Código 49 – Bridge Orientado a Objetos

Contexto Funcional

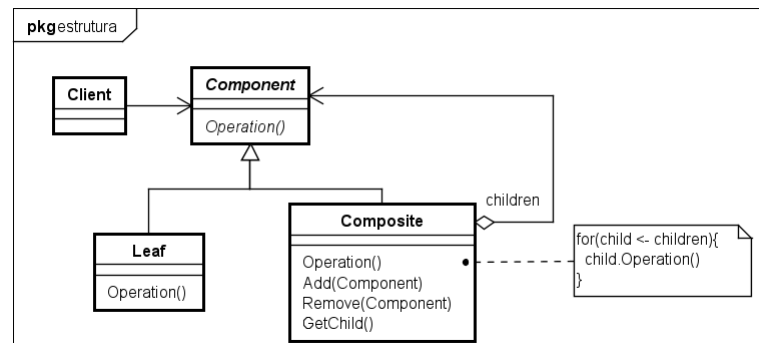
Código 50 – Bridge Funcional

7.3 Composite

Esse padrão fornece uma estrutura de objetos organizados como uma árvore, representados por uma hierarquia parte-todo. Ele torna possível tratar tanto o conjunto quanto os objetos individuais de forma uniforme, sem que seja necessário conhecer os elementos pertencentes a um conjunto para tratá-lo.

A figura 17 demonstra a estrutura do padrão, onde uma interface `Component` define tanto um objeto nó, representado pela classe `Composite`, quanto um objeto folha, representado pela classe `Leaf`. Os elementos filhos da classe `Composite` são todos instâncias de `Component`, o que faz com que a classe não saiba se seus filhos são outros objetos compostos ou se são objetos folha.

Figura 17 – Estrutura do Composite

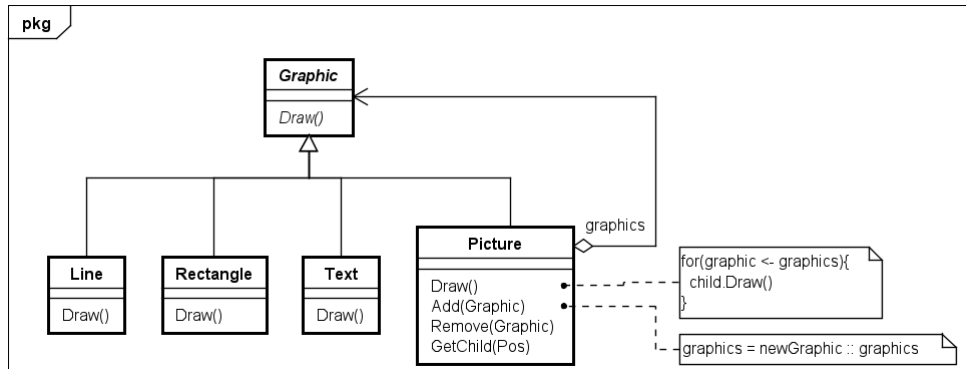


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, é apresentada uma ferramenta gráfica onde o usuário pode agrupar diversas formas e elementos para formar diagramas maiores e mais complexos. Apesar do usuário tratar esses diagramas como um único elemento gráfico, a aplicação precisa levar em consideração todos os elementos dos quais ele é composto. Dessa forma, o padrão Composite permite abstrair os elementos menores, tratando o elemento composto como algo único, da mesma forma que são tratados os elementos não compostos. A figura 18 demonstra o diagrama de classes para esse exemplo, enquanto o código 51 traz um exemplo de implementação.

```
1
2 trait Graphic {
3     def Draw();
4 }
5
6 class Picture extends Graphic {
7     private var graphics : List[Graphic] = List()
8 }
```

Figura 18 – Exemplo de Composite



```

9  def Draw() : Unit = {
10    graphics.foreach(f => f.Draw())
11  }
12
13  def Add(graphic: Graphic): Unit = {
14    graphics = graphic :: graphics
15  }
16
17  def Remove(graphic: Graphic) : Unit = {
18    graphics = graphics.filter(g => g != graphic)
19  }
20
21  def GetChild(pos : Int) : Graphic = graphics(pos)
22 }
23
24 class Text extends Graphic {
25   def Draw() : Unit = {
26     //Desenha o elemento na tela
27   }
28 }
29
30 class Rectangle extends Graphic {
31   def Draw() : Unit = {
32     //Desenha o elemento na tela
33   }
34 }
35
36 class Line extends Graphic {
37   def Draw() : Unit = {
38     //Desenha o elemento na tela
39   }
40 }

```

Código 51 – Composite Orientado a Objetos

Contexto Funcional

Código 52 – Composite Funcional

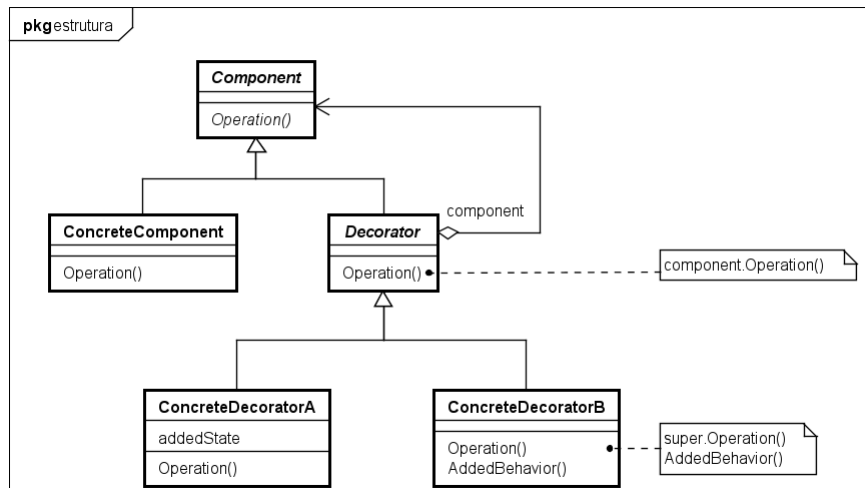
7.4 Decorator

O padrão Decorator permite adicionar responsabilidades a um objeto de forma dinâmica. Essa dinamicidade é alcançada substituindo a herança por uma delegação, fazendo com que a classe decorada delegue à classe que a estende a nova responsabilidade.

Para que o processo seja transparente, tanto as classes de extensão quanto a classe decorada implementam uma interface em comum. As classes de extensão podem também ser decoradas por novas classes de extensão, permitindo adicionar diversas responsabilidades para a classe decorada, formando uma estrutura de pilha onde o elemento ao fundo é o objeto decorado. Ele será o alvo das operações acumuladas de todos os extensores presentes na estrutura. O diagrama de classes que demonstra essa estrutura pode ser visto na figura 19.

O maior problema resolvido pelo Decorator é a grande quantidade de classes que deveriam existir caso houvessem muitas extensões para uma classe. O problema cresce ainda mais quando é necessário que essas funcionalidades mudem dinamicamente, gerando diversas combinações de grupos de funcionalidades possíveis.

Figura 19 – Estrutura do Decorator

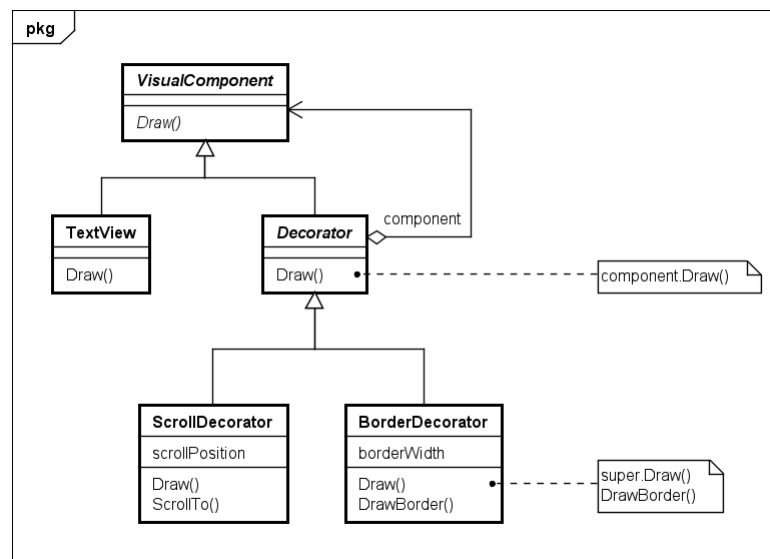


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, é apresentada uma ferramenta gráfica que permite que diversas funcionalidades, como bordas ou barras de rolagem, possam ser adicionadas a qualquer componente. Ao invés de usar herança, o que exigiria que houvesse uma subclasse para cada combinação de funcionalidades e elementos gráficos, o padrão Decorator é utilizado. Por exemplo, um elemento de texto pode ser decorado com uma barra de rolagem ou com uma borda. A figura 20 demonstra o diagrama de classes para esse caso, onde uma classe

TextView implementa uma interface VisualComponent, assim como a classe abstrata Decorator, que armazena em seus atributos um objeto do tipo VisualComponent. As classes ScrollDecorator e BorderDecorator herdam de Decorator, o que faz com que elas implementem VisualComponent. Uma das possibilidades desse cenário é que um objeto do tipo ScrollDecorator armazene um BorderDecorator, que por sua vez armazenará um TextView. A operação Draw será chamada, em sequência, para cada elemento da pilha, resultando no TextView com as funcionalidades desejadas. O código 53 traz a implementação dessa abordagem.

Figura 20 – Exemplo de Decorator



```

1
2 trait VisualComponent {
3     def Draw()
4 }
5
6 class TextView extends VisualComponent {
7     def Draw(): Unit = {
8         //Desenha o componente
9     }
10 }
11
12 abstract class Decorator(val component : VisualComponent) extends
    VisualComponent {
13     override def Draw(): Unit = {
14         component.Draw()
15     }
16 }
17
18 class ScrollDecorator(visualComponent: VisualComponent)

```

```

19  extends Decorator(visualComponent) {
20
21  var ScrollPosition : Int = 0
22
23  override def Draw() : Unit = {
24      //Desenha Scroll
25      super.Draw()
26  }
27 }
28
29 class BorderDecorator(visualComponent: VisualComponent)
30 extends Decorator(visualComponent){
31
32  var BorderWidth : Int = 0
33
34  override def Draw(): Unit = {
35      //Desenha Border
36      super.Draw()
37  }
38 }

```

Código 53 – Decorator Orientado a Objetos

Contexto Funcional

Para que o Decorator possa ser usado no contexto funcional para estender operações, as funções decoradoras devem receber como parâmetro uma função que possua a mesma assinatura da função decorada. Elas também devem retornar uma função que receba como parâmetro os valores de entrada para a função decorada. Internamente, as funções decoradoras chamam a função recebida como parâmetro e realizam qualquer operação adicional necessária.

Com essa implementação, a função resultante de uma função decoradora possui a mesma assinatura da função decorada, fazendo com que a aplicação não precise adaptar os parâmetros ao utilizá-la. Isso também permite encadear as funções decoradoras, trazendo uma estrutura de pilha, semelhante à implementação orientada a objetos.

O código 54 demonstra o exemplo anterior, onde a função DrawTextView, na linha 2, recebe como parâmetro uma String e cria um *text view* que a exibe. As funções DrawTextScroll, na linha 4, e DrawBorder, na linha 11, decoram a função DrawTextView, exibindo também uma barra de *scroll* e bordas para o componente. Por fim, o valor DecoratedDraw, na linha 18, encadeia as três funções, criando uma nova função com a mesma assinatura de DrawTextView com as funcionalidades adicionais.

```

1
2 def DrawTextView(text : String) : Unit = println(text)

```



```

3
4 def DrawTextScroll(position : Int, Draw : (String) => Unit) : (String) =
    > Unit = {
5     (text : String) => {
6         println("Scroll at " + position)
7         Draw(text)
8     }
9 }
10
11 def DrawBorder(width : Int, Draw : (String) => Unit) : (String) => Unit
    = {
12     (text : String) => {
13         println("Border of width " + width)
14         Draw(text)
15     }
16 }
17
18 val DecoratedDraw : (String) => Unit =
19     DrawBorder(3,
20         DrawTextScroll(5,
21             Draw))

```

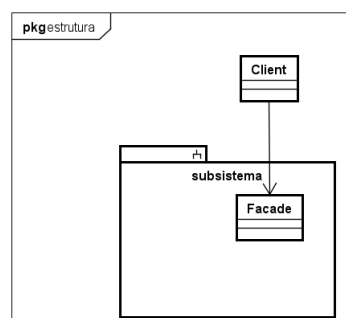
Código 54 – Decorator Funcional

Vantagens e Desvantagens

7.5 Façade

Quando um subsistema possui muitas interfaces de acesso às suas funcionalidades, o acesso de classes clientes de outros subsistemas a ele torna-se descentralizado, aumentando a dependência entre os dois sistemas. Para minimizar esse problema, o padrão Façade fornece uma interface generalizada para todo o subsistema, de forma que as classes clientes possam comunicar-se apenas com um ponto de entrada. A figura 21 demonstra o padrão, onde uma classe Façade, que é o ponto de acesso ao subsistema, possui uma referência para os componentes que antes eram diretamente acessíveis.

Figura 21 – Estrutura do Façade

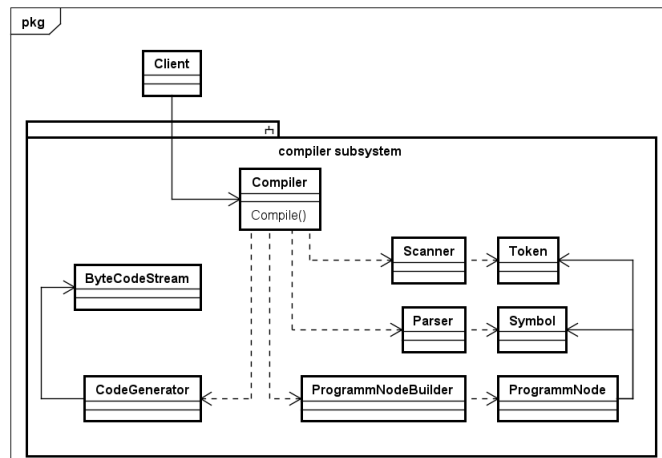


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo de uso do Façade, pode-se considerar um compilador que oferece diversas funcionalidades. Essas funcionalidades são apresentadas no diagrama de classes da figura 22, representadas pelas classes Scanner, Parser, ProgramNodeBuilder e CodeGenerator. Por mais que alguns clientes desejem acessar essas funcionalidades diretamente, a maioria deseja apenas compilar seu programa, sem importar-se com as etapas necessárias para isso. Assim, ao invés de criar uma dependência entre o cliente e as funcionalidades, a classe Compiler fornece um ponto de acesso a todas elas, permitindo que um cliente que deseja apenas compilar seu código possa fazer isso diretamente. O código 55 demonstra a implementação desse exemplo.

```
1
2 class Scanner(val input : Stream[String]) {
3   def Scan() : Token = {
4     //Recupera token na stream de código fonte
5   }
6 }
7
8 class Parser {
9   def Parse(scanner : Scanner, builder : ProgramNodeBuilder) :
    SyntacticTree[ProgramNode] = {
```

Figura 22 – Exemplo de Façade



```

10     //Retorna a árvore de análise
11 }
12 }
13
14 class ProgramNodeBuilder(var rootNode : ProgramNode) {
15     // Possui os métodos para criação dos nós do programa
16 }
17
18 class CodeGenerator() {
19     // Possui os métodos para gerar o código de máquina do programa
20     def Traverse(rootNode : ProgramNode) : Stream[Byte] = {
21         // Percorre a árvore e gera o bytecode
22     }
23 }
24
25 class Compiler {
26     def Compile(input : Stream[String]) : Stream[Byte] = {
27         val scanner = new Scanner(input)
28         val programNodeBuilder = new ProgramNodeBuilder(null)
29         val parser = new Parser();
30
31         parser.Parse(scanner, programNodeBuilder);
32
33         val codeGenerator = new CodeGenerator();
34         val parseTree = programNodeBuilder.rootNode;
35
36         codeGenerator.Traverse(parseTree);
37     }
38 }
  
```

Contexto Funcional

Esse padrão pode ser implementado de duas formas: definindo um módulo que é utilizado como ponto de acesso para outros módulos ou definindo uma função dentro de um módulo que é um ponto de acesso para outras funções não exportadas do mesmo módulo. Independente da forma utilizada, a função `Compile`, que é o ponto de acesso, permanece a mesma. Ela pode ser vista no código 56.

Para que essa função seja implementada de forma funcional, a implementação vista no código 55 foi alterada para que seja utilizada uma composição de funções. Na linha 5, a função `Scan` é chamada, seu resultado é passado para a função `Parse`, cujo resultado é passado para a função `Traverse`. Essa sim, retorna a *stream* de *bytes* com o código compilado do programa.

```
1
2 object Compiler {
3
4   def Compile(input: Stream[String]): Stream[Byte] = {
5     (Traverse compose Parse compose Scan) (input)
6   }
7
8 }
```

Código 56 – Função de acesso `Compile`

O código 57 demonstra o primeiro caso, onde as operações utilizadas pela função `Compile` são definidas em módulos separados. Apenas o módulo `Compiler` precisa conhecer e importar essas funções.

```
1
2 object Scanner{
3   private def Scan(input : Stream[String]) : Scanner =
4     // Faz o scan do código fonte
5 }
6
7 object Parser{
8   private def Parse(scanner : Scanner)
9     : ProgramNodeBuilder =
10    // Gera a árvore abstrata sintática com os tokens
11 }
12
13 object CodeGenerator{
14   private def Traverse(builder : ProgramNodeBuilder) : Stream[Byte] =
15     // Percorre a árvore para gerar o código de máquina
16 }
```

Código 57 – Função de acesso `Compile`

Para o segundo exemplo, o código 58 define as funções como membros não exportados do módulo `Compiler`. Dessa forma, o módulo cliente não conseguirá acessá-los, precisando acessar suas funcionalidades apenas através da função `Compile`.

```
1
2  // módulo Compiler
3
4  private def Scan(input : Stream[String]) : Scanner =
5    // Faz o scan do código fonte
6
7  private def Parse(scanner : Scanner)
8    : ProgramNodeBuilder =
9    // Gera a árvore abstrata sintática com os tokens
10
11 private def Traverse(builder : ProgramNodeBuilder) : Stream[Byte] =
12    // Percorre a árvore para gerar o código de máquina
```

Código 58 – Função de acesso `Compile`

Vantagens e Desvantagens

A implementação funcional desse padrão não apresenta vantagens ou desvantagens, tendo em vista que ela apenas depende da forma como a linguagem separa ou agrupa suas implementações - seja através de classes ou módulos.

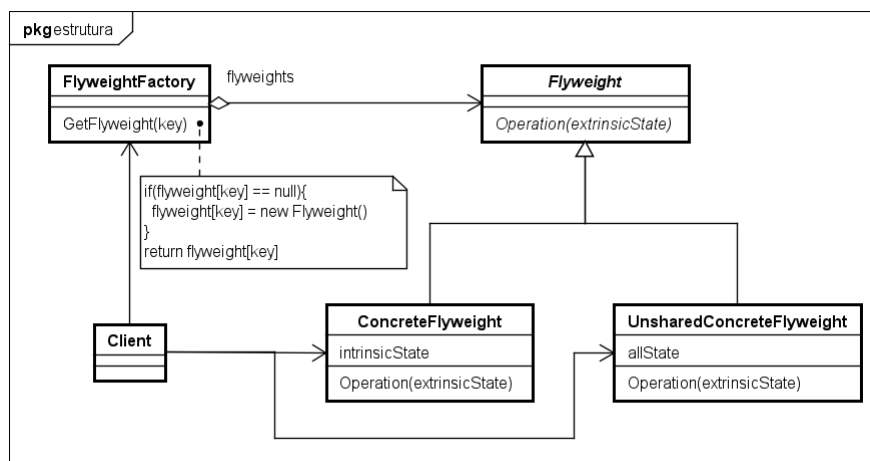
7.6 Flyweight

O padrão Flyweight permite economizar o espaço em memória da aplicação ao fornecer uma instância compartilhada de uma classe para que ela não precise ser instanciada mais de uma vez. A figura 23 mostra a estrutura do padrão. Nela, uma interface Flyweight define um elemento reutilizável, sendo implementada pelas classes ConcreteFlyweight e UnsharedConcreteFlyweight. A classe ConcreteFlyweight armazena um estado intrínseco e define uma operação que depende de um estado extrínseco para ser executada.

Duas classes merecem atenção nesse diagrama. A primeira é a FlyweightFactory. Essa classe é adicionada para gerenciar a criação dos Flyweights e garantir que as instâncias da classe serão reutilizadas. Ela armazena, em seus atributos, uma lista de objetos Flyweight para que, quando o cliente solicitar, seja verificado se a instância desejada já existe. Caso não exista, ela é criada e adicionada à lista.

A segunda classe que merece atenção é a UnsharedConcreteFlyweight, que é necessária caso existam elementos específicos do tipo Flyweight que não possam ser compartilhados. Esses elementos não podem ser criados através da FlyweightFactory.

Figura 23 – Estrutura do Flyweight

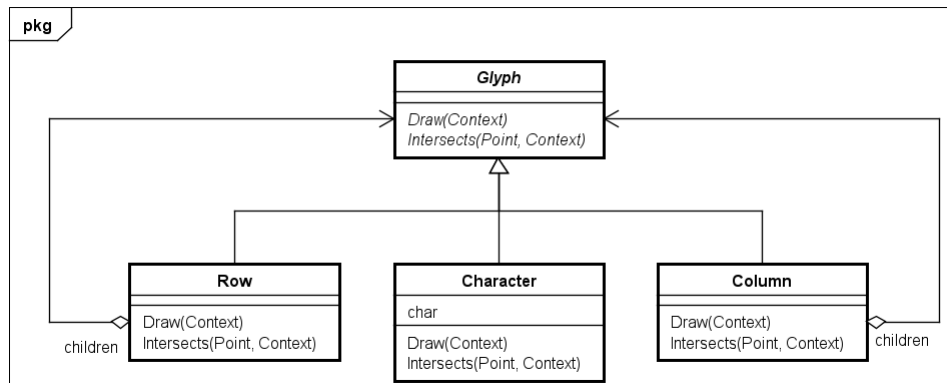


Exemplo Orientado a Objetos

Um editor de documentos possui uma ferramenta de formatação e edição de textos. Para reduzir o custo de memória, as classes que armazenam os caracteres do alfabeto devem ser compartilhadas, dada a quantidade de instâncias de um mesmo caractere que existiriam em um texto com centenas de palavras. Ao mesmo tempo, a ferramenta deve armazenar dois elementos que não podem ser compartilhados com as letras - a linha e a coluna onde cada letra está localizada.

A figura 24 apresenta o diagrama de classes para esse exemplo. A interface Glyph representa um elemento textual. As classes Row e Column armazenam em seus atributos um conjunto de objetos do tipo Glyph. Por fim, a classe Character armazena em seus atributos o caracter que deve ser compartilhado. Apenas uma instância é criada para cada caracter. O código 59 demonstra a implementação desse exemplo.

Figura 24 – Exemplo de Flyweight



```

1
2 trait Glyph {
3     def Draw(context : Context)
4     def Intersects(point : Point, context : Context)
5 }
6
7 class Character(val character: Char) extends Glyph {
8     def Draw(context: Context): Unit = {
9         //Desenha o caracter
10    }
11
12    def Intersects(point: Point, context: Context): Unit = {
13        //Verifica a interseção com o ponto
14    }
15 }
16
17 class Row(var children : List[Glyph]) extends Glyph {
18     def Draw(context: Context): Unit = {
19         //Desenha a linha
20    }
21
22    def Intersects(point: Point, context: Context): Unit = {
23        //Verifica a interseção com o ponto
24    }
25 }
26
27 class Column(var children : List[Glyph]) extends Glyph {

```

```
28  def Draw(context: Context) : Unit = {
29      //Desenha a coluna
30  }
31
32  def Intersects(point: Point, context: Context): Unit = {
33      //Verifica a interseção com o ponto
34  }
35 }
```

Código 59 – Flyweight Orientado a Objetos

Contexto Funcional

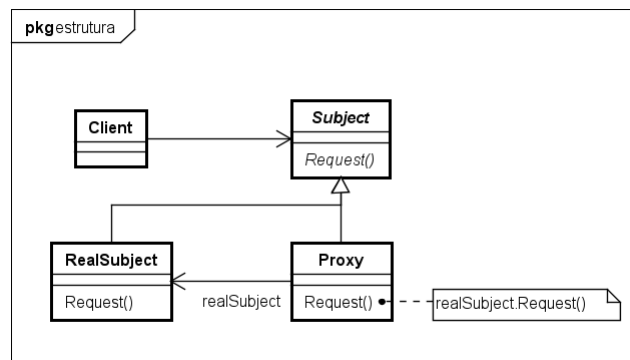
Código 60 – Flyweight Funcional

7.7 Proxy

O padrão Proxy adiciona uma camada de acesso a um objeto, fazendo com que qualquer interação com o objeto Proxy seja controlada antes de ser repassada para o objeto real. Existe mais de uma motivação para seu uso, apesar da estrutura do padrão, apresentada na figura 25, permanecer a mesma. Essas motivações podem ser divididas em três grupos de proxy: remoto, virtual e de proteção.

Um proxy remoto pode ser utilizado como um representante de um objeto, servindo como um intermediário e armazenando dados que devem ser repassados para o objeto real. Já um proxy virtual armazena informações sobre um objeto de forma que ele possa ser criado apenas quando for necessário, economizando espaço ou tempo de execução. Por fim, um proxy de proteção pode controlar o acesso a um objeto, exigindo que um objeto cliente precise cumprir algum requisito antes de acessar o objeto real.

Figura 25 – Estrutura do Proxy

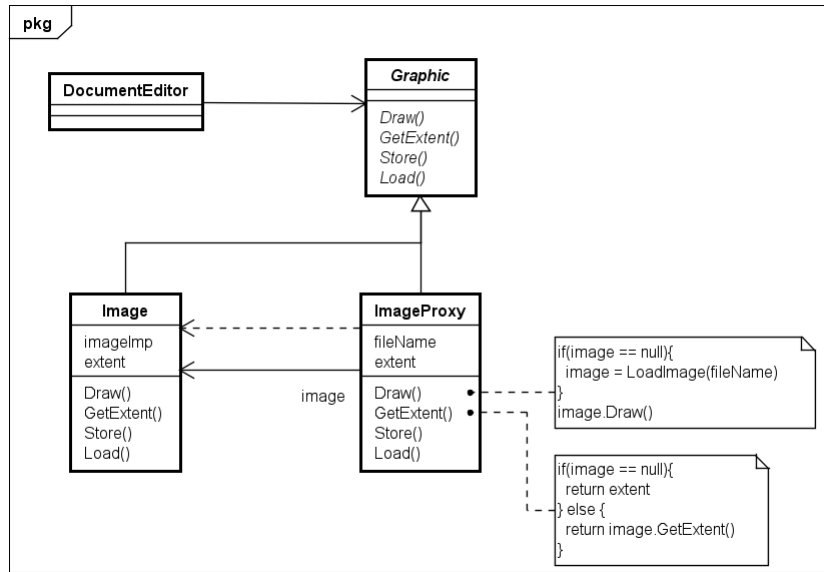


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo de Proxy podem ser utilizadas imagens que são incluídas em editores de texto. É desejado que um documento seja aberto rapidamente e o carregamento das imagens presentes nele pode causar uma lentidão desnecessária. Para isso, é criado um objeto Proxy que armazena em seus atributos as informações necessárias, como o caminho para a imagem e seu posicionamento no documento. Quando o documento termina de ser aberto, as imagens são carregadas de fato através de seus proxys. Esse é um exemplo de proxy virtual, seu diagrama de classes pode ser visto na imagem 26 e a implementação no código 61.

```
1
2 trait Graphic {
3   def Draw(point : Point)
4   def GetExtent() : Point
5   def Store(ostream : Stream[Byte])
```

Figura 26 – Exemplo de Proxy



```

6  def Load(istream : Stream[Byte])
7  }
8
9  class Image (private val filename : String) extends Graphic {
10
11     private var extent : Point = new Point
12
13     def Draw(point: Point): Unit = {
14         //Desenha imagem na tela
15     }
16
17     def GetExtent(): Point = extent
18
19     def Store(ostream: Stream[Byte]): Unit = {
20         //Salva imagem em um arquivo
21     }
22
23     def Load(istream: Stream[Byte]): Unit = {
24         //Carrega imagem de um arquivo
25     }
26 }
27
28 class ImageProxy(var filename : String, var extent : Point) extends
    Graphic {
29
30     private var image : Image = null
31
32     override def Draw(point: Point): Unit = {

```

```

33     if(image == null){
34         image = new Image(filename)
35     }
36     image.Draw(point)
37 }
38
39 override def GetExtent(): Point = {
40     if(image==null){
41         image = new Image(filename)
42     }
43     image.GetExtent()
44 }
45
46 def Store(ostream: Stream[Byte]): Unit = {
47     //Salva imagem em um arquivo
48 }
49
50 def Load(istream: Stream[Byte]): Unit = {
51     //Carrega imagem de um arquivo
52 }
53 }

```

Código 61 – Proxy Orientado a Objetos

Contexto Funcional

Código 62 – Proxy Funcional

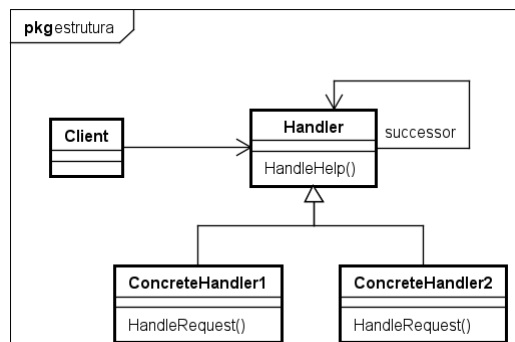
8 Padrões Comportamentais

8.1 Chain of Responsibility

Chain of Responsibility propõe criar uma estrutura para tratar solicitações feitas por um objeto cliente. As classes que tratam as solicitações são chamadas de *handlers*. Uma solicitação é passada adiante por uma cadeia de *handlers* até que seja tratada ou até que a cadeia chegue ao fim e a solicitação não possa ser atendida, retornando uma indicação de que a solicitação não pôde ser atendida.

Essa abordagem permite desacoplar os clientes das classes que tratam as solicitações e permite que os *handlers* sejam definidos dinamicamente. Por outro lado, pode não ser possível prever se uma solicitação de um cliente será atendida, caso o *handler* adequado não esteja na cadeia. A estrutura do padrão pode ser vista na figura 27.

Figura 27 – Estrutura do Chain of Responsibility

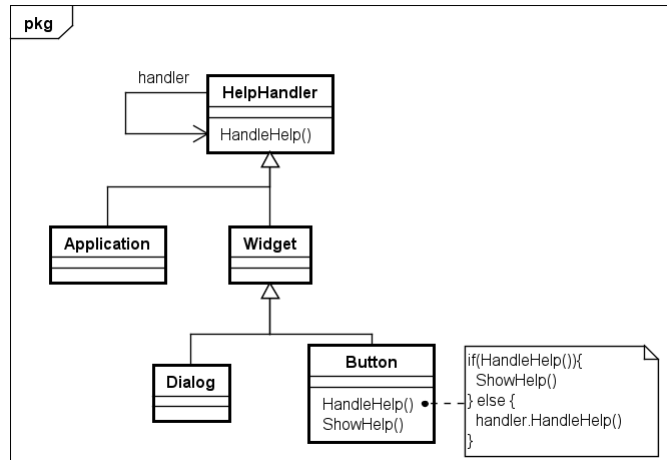


Exemplo Orientado a Objetos

O exemplo do Chain of Responsibility traz um recurso de *help* utilizado nos componentes de uma interface gráfica. O recurso é sensível ao contexto, bastando que o usuário solicite a ajuda no local desejado. O objeto que fornece a ajuda não é conhecido pelos objetos dos *widgets* da interface, ele pertence a uma cadeia que é percorrida sempre que o usuário solicita a ajuda. A figura 28 e o código 63 demonstram esse exemplo.

```
1
2 class HelpHandler(handler: HelpHandler = null, topic : Topic.Value =
    Topic.NO_HELP_TOPIC) {
3
4     private var _handler : HelpHandler = handler
5     private var _topic : Topic.Value = topic
```

Figura 28 – Exemplo de Chain of Responsibility



```

6
7  def HasHelp(): Boolean = {
8    _topic != Topic.NO_HELP_TOPIC
9  }
10
11 def SetHandler(handler : HelpHandler, topic : Topic.Value) : Unit = {
12   this._handler = handler
13   this._topic = topic
14 }
15
16 def HandleHelp() : Unit = {
17   if(_handler != null){
18     _handler.HandleHelp()
19   }
20 }
21 }
22
23 class Widget(parent : Widget, topic : Topic.Value = Topic.NO_HELP_TOPIC)
24   extends HelpHandler(parent, topic)
25
26 class Button(parent : Widget, topic: Topic.Value = Topic.NO_HELP_TOPIC)
27   extends Widget(parent, topic) {
28
29   override def HandleHelp(): Unit = {
30     if(HasHelp()){
31       //Oferece ajuda sobre o botão
32     } else {
33       parent.HandleHelp()
34     }
35   }
36 }

```

```

37
38 class Dialog(handler : HelpHandler, topic : Topic.Value = Topic.
    NO_HELP_TOPIC)
39 extends Widget(null) {
40
41     SetHandler(handler, topic)
42
43     override def HandleHelp(): Unit = {
44         if(HasHelp()) {
45             // Oferece ajuda sobre dialog
46         } else {
47             handler.HandleHelp()
48         }
49     }
50 }
51
52 class Application(topic: Topic.Value)
53 extends HelpHandler(null, topic) {
54
55     override def HandleHelp(): Unit = {
56         //Apresenta uma lista de tópicos de ajuda
57     }
58 }

```

Código 63 – Chain of Responsibility Orientação a Objetos

Contexto Funcional

O Chain of Responsibility encadeia funções que tratam solicitações, de forma que uma próxima função seja chamada quando a solicitação não pode ser tratada. É possível implementá-lo utilizando funções de alta ordem, onde um *handler* é uma função, ao invés de uma classe, que armazena em uma *closure* a função do próximo elemento da cadeia.

O código 64 demonstra a criação dos *handlers*. Na linha 2, a função `HandleButton` recebe como parâmetro um tópico e o próximo *handler* da cadeia, assim como a classe `Button` do exemplo orientado a objetos. Ela retorna uma função que verifica se a solicitação pode ser tratada e, caso não seja, chama o *handler* armazenado. A função `HandleDialog`, na linha 12, é implementada de forma análoga. Já a função `HandleHelp`, na linha 22, não recebe novos *handlers*, oferecendo ajuda de forma genérica, da mesma forma que a classe `Application` do exemplo orientado a objetos.

```

1
2 def HandleButton(topic : Topic.Value, handler : () => Unit) : () => Unit
   = {
3     () => {
4         if(HasHelp(topic)){

```

```

5      //Oferece ajuda sobre o botão
6  } else {
7      handler()
8  }
9  }
10 }
11
12 def HandleDialog(topic : Topic.Value, handler : () => Unit) : () => Unit
    = {
13  () => {
14      if(HasHelp(topic)){
15          //Oferece ajuda sobre o dialog
16      } else {
17          handler()
18      }
19  }
20 }
21
22 def HandleHelp() : Unit = {
23     //Apresenta uma lista de tópicos de ajuda
24 }

```

Código 64 – Chain of Responsibility Funcional

O código 65 demonstra a criação da cadeia, onde as funções apresentadas anteriormente são criadas e encadeadas, criando a função ChainofResponsibility que será utilizada para tratar todas as solicitações.

```

1
2 val ChainofResponsibility: () => Unit = HandleButton(Topic.BUTTON,
3     HandleDialog(Topic.DIALOG,
4         HandleHelp))

```

Código 65 – Função Chain of Responsability

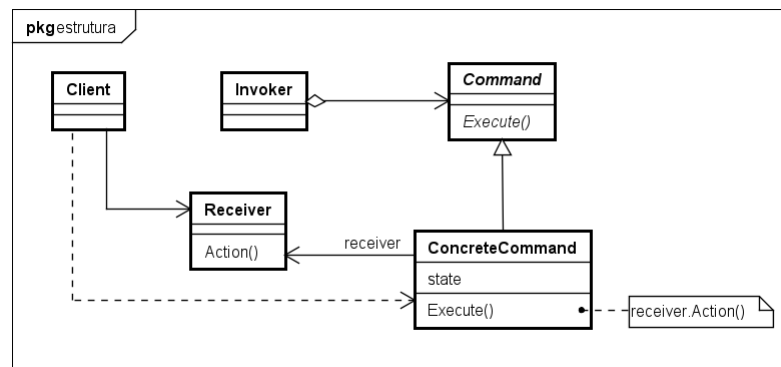
8.2 Command

O padrão Command permite encapsular operações em objetos. Isso permite que seja mantido um histórico das operações realizadas, que seja criada uma sequência de operações a serem executadas e até mesmo que operações realizadas possam ser desfeitas.

Para alcançar isso, uma classe Command armazena o objeto alvo da operação e define uma operação de execução e uma de reversão, quando necessário. Uma outra classe pode ser responsável por armazenar uma coleção de *commands*, mantendo o histórico ou sequência de operações.

Esse padrão funciona como uma solução para definir *callbacks*, ou seja, operações que podem ser predefinidas e executadas futuramente no código. Sua estrutura pode ser vista na imagem 29.

Figura 29 – Estrutura do Command

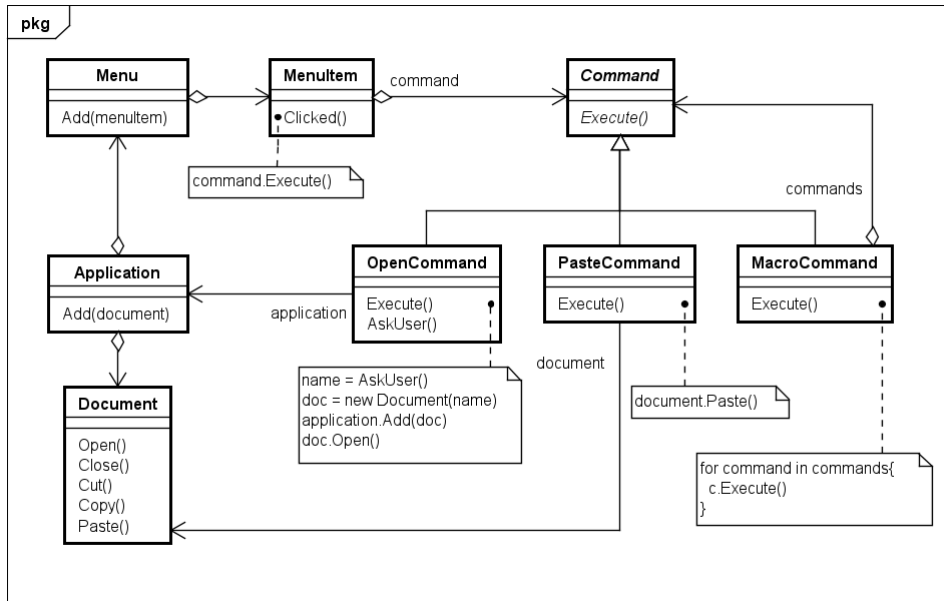


Exemplo Orientado a Objetos

O exemplo do Command traz um *toolkit* para construção de interfaces de usuário, onde ao clicar ou realizar uma ação sobre botões e menus, uma operação deve ser executada. Porém, os botões e menus não devem conhecer essas operações, elas são definidas pelo desenvolvedor que utiliza os toolkits. Dessa forma, o padrão Command permite isolar as operações dos *widgets*. O exemplo traz as operações **PasteCommand**, que tem como alvo um documento da aplicação, e **OpenCommand**, que tem como alvo o objeto da aplicação. Além disso, há um **MacroCommand** que permite executar uma sequência de comandos. O exemplo é apresentado no diagrama da imagem 30 e no código 66.

```
1
2 abstract class Command {
3     def Execute()
4 }
5
6 class OpenCommand(var application : Application) extends Command {
```

Figura 30 – Exemplo de Command



```

7  def Execute(): Unit = {
8      var name = AskUser()
9      if(name != null){
10         val document = new Document(name)
11         application.Add(document)
12         document.Open()
13     }
14 }
15
16 def AskUser() : String = {
17     //Solicita ao usuário o arquivo que será aberto
18 }
19 }
20
21 class PasteCommand(var document : Document) extends Command {
22     def Execute(): Unit = {
23         document.Paste()
24     }
25 }
26
27 class MacroCommand extends Command {
28
29     private var commands : List[Command] = List()
30
31     def Execute(): Unit = {
32         commands.foreach(command => {
33             command.Execute()

```

```
34     })
35   }
36 }
```

Código 66 – Command Orientação a Objetos

Contexto Funcional

A a intenção do Command é encapsular operações em objetos. Com as funções de alta ordem da programação funcional, essa funcionalidade já é alcançada. Entretanto, existem duas particularidades do padrão Command que devem ser consideradas.

O padrão encapsula, junto da operação, uma referência para o objeto alvo. Dessa forma, quando a operação é realizada, ocorre um efeito colateral, desencorajado no contexto funcional. Para evitar isso, o comando deve receber, ao ser executado, o valor alvo como parâmetro e retornar o valor atualizado.

A segunda particularidade é que o padrão também permite uma operação de desfazer. Como tanto a operação de fazer quanto a de desfazer são encapsuladas em um mesmo objeto, é necessário possuir um valor que armazena ambas as operações no contexto funcional. Isso pode ser feito através de uma tupla que armazena as duas operações.

O código 67 demonstra uma implementação genérica do padrão no contexto funcional. Na linha 2, é definido um tipo Command que é uma tupla que armazena duas funções: fazer e desfazer. A função CreateCommand, na linha 4, é uma função auxiliar para a criação de um command. Caso não seja fornecida uma função de desfazer, a função é substituída por uma função identidade que recebe um valor como parâmetro e retorna esse mesmo valor.

As funções auxiliares Execute, na linha 12, e Unexecute, na linha 14, recebem como parâmetro o valor alvo e um comando. Elas executam a primeira e a segunda função armazenadas na tupla Command, respectivamente.

A função CommandMany, da linha 16, é uma função auxiliar para executar uma lista de *commands*. Ela recebe como parâmetro um alvo, uma lista de *commands* e uma operação que recebe um alvo e um comando. Essa operação genérica é utilizada para que essa função possa ser reaproveitada tanto para executar uma sequência de *commands* quando desfazê-los. As funções ExecuteMany, na linha 20, e UnexecuteMany, na linha 23, chamam a função CommandMany passando como operação as funções Execute e Unexecute, respectivamente.

```
1
2 type Command[A] = (A => A, A => A)
3
4 def CreateCommand[A](Do : (A) => A,
```

```

5             Undo : Option[(A) => A] = None) : Command[A] =
6   (Do,
7     Undo match {
8       case Some(function) => function
9       case None => (x) => x
10  })
11
12 def Execute[A](target : A, command : Command[A]) : A = command._1(target
13   )
14 def Unexecute[A](target : A, command: Command[A]) : A = command._2(
15   target)
16 def CommandMany[A](target : A, commands : List[Command[A]], operation :
17   (A, Command[A]) => A): A =
18   if(commands.isEmpty) target
19   else CommandMany(operation(target, commands.head), commands.tail,
20   operation)
21
22 def ExecuteMany[A](target : A, commands : List[Command[A]]) : A =
23   CommandMany(target, commands, Execute)
24
25 def UnexecuteMany[A](target : A, commands : List[Command[A]]) : A = {
26   CommandMany(target, commands, Unexecute)
27 }

```

Código 67 – Command Funcional

O código 68 demonstra como o exemplo orientado a objetos poderia ser implementado a partir das funções auxiliares vistas. O valor `ExecuteOpen`, visto na linha 2, implementa a abertura de um documento em uma aplicação e retorna o estado atualizado dessa aplicação com o documento aberto. Já a função `ExecutePaste`, na linha 8, realiza a operação de colar um documento. O valor `resultingApplication` na linha 14 é o estado resultante da aplicação após a execução de ambos os comandos através da função auxiliar `ExecuteMany`.

```

1
2 val ExecuteOpen = CreateCommand[Application](
3   (target : Application) => {
4     //Executa comando de abrir
5   } : Application
6 )
7
8 val ExecutePaste = CreateCommand[Application](
9   (target : Application) => {
10    //Executa comando de colar
11  }
12 )

```

```
13
14 val resultingApplication = ExecuteMany(application, List(ExecuteOpen,
    ExecutePaste))
```

Código 68 – Exemplo funcional de Command

Vantagens e Desvantagens

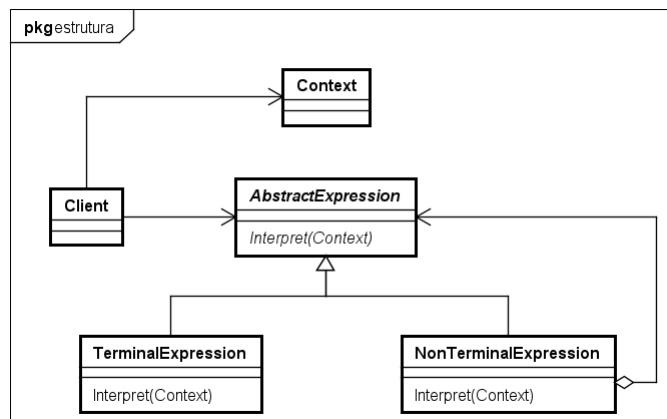
O Command funcional consegue economizar classes, resumindo a complexidade do padrão à criação de uma tupla para os casos onde é desejado implementar a operação de desfazer. Para os casos onde isso não é necessário, a implementação se torna ainda mais simples, já que as funções de alta ordem em si já suprem a necessidade de encapsular operações. A grande desvantagem da implementação funcional é que a execução das operações se torna mais dependente do valor alvo. O valor atualizado sempre precisa ser repassado para o comando para que qualquer modificação feita anteriormente - seja por outro trecho da aplicação ou por um comando executado anteriormente - seja considerada durante a execução.

8.3 Interpreter

O padrão Interpreter define uma representação para a gramática de uma linguagem e um interpretador para interpretar sentenças dessa linguagem. Apesar da descrição generalista, o padrão pode ser utilizado para facilitar a resolução de problemas que ocorrem com frequência e que podem ser definidos através de uma árvore sintática abstrata.

Esse padrão pode oferecer riscos quando a gramática é complexa. Como para cada regra será necessário definir uma nova classe, a hierarquia de classes resultante pode tornar-se muito grande e mais difícil de controlar. Em contrapartida, é fácil modificar ou estender a gramática, já que cada regra está encapsulada em uma classe diferente. A estrutura do padrão pode ser vista no diagrama da imagem 31.

Figura 31 – Estrutura do Interpreter

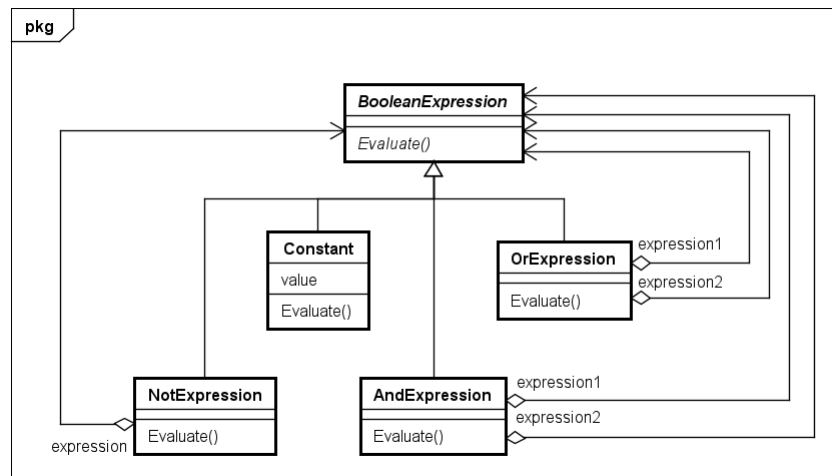


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, o Interpreter pode ser utilizado para interpretar expressões booleanas. Cada classe definida representa uma expressão, que aceita constantes booleanas e operadores *and*, *or* e *not*. No diagrama da figura 32, as classes **AndExpression**, **OrExpression** e **NotExpression** representam operadores com subexpressões, enquanto a classe **Constant** representa um elemento terminal da expressão. A implementação do exemplo pode ser vista no código 69.

```
1
2 abstract class BooleanExpression {
3     def Evaluate() : Boolean
4 }
5
6 class AndExpression(expression1 : BooleanExpression,
7                     expression2 : BooleanExpression)
8     extends BooleanExpression {
```

Figura 32 – Exemplo de Interpreter



```

9  override def Evaluate(): Boolean =
10      expression1.Evaluate() && expression2.Evaluate()
11  }
12
13  class OrExpression(expression1 : BooleanExpression,
14                      expression2 : BooleanExpression)
15      extends BooleanExpression {
16      override def Evaluate(): Boolean =
17          expression1.Evaluate() || expression2.Evaluate()
18  }
19
20  class NotExpression(expression: BooleanExpression)
21      extends BooleanExpression {
22      override def Evaluate(): Boolean =
23          !expression.Evaluate()
24  }
25
26  class Constant(value : Boolean)
27      extends BooleanExpression {
28      override def Evaluate(): Boolean = value
29  }

```

Código 69 – Interpreter Orientação a Objetos

Contexto Funcional

O padrão Interpreter pode ser feito substituindo cada classe que representa uma regra da gramática por uma função de alta ordem. Essa função retorna a operação que realiza a interpretação. No código 70, a operação de interpretação é definida pelo tipo Expression, na linha 2, como uma função que não recebe parâmetros e retorna um valor

booleano. Na linha 4 é definida a regra para constantes, representada por uma função que recebe um valor booleano e retorna uma função que retorna esse mesmo valor.

Nas linhas 6 e 10 são definidas as funções `AndExpression` e `OrExpression`, ambas expressões binárias que recebem duas expressões e realizam uma operação. Por fim, a linha 14 define a função `NotExpression`, uma expressão unária que recebe apenas uma outra expressão como parâmetro e aplica uma função *not* à mesma.

```
1
2 type Expression = () => Boolean
3
4 def Constant(value : Boolean) : Expression = () => value
5
6 def AndExpression(expression1 : Expression,
7                    expression2 : Expression) : Expression =
8   () => expression1() && expression2()
9
10 def OrExpression(expression1 : Expression,
11                  expression2 : Expression) : Expression =
12   () => expression1() || expression2()
13
14 def NotExpression(expression: Expression) : Expression =
15   () => !expression()
```

Código 70 – Interpretar Funcional

A vantagem da implementação funcional desse padrão é demonstrada no código 71, onde é possível aproveitar as funções de alta ordem para definir operadores binários e unários genéricos. Eles são definidos na linha 2, pela função `BinaryExpression`, e na linha 8 pela função `UnaryExpression`. Nas linhas 13, 18 e 23, são definidas funções equivalentes às funções `AndExpression`, `OrExpression` e `NotExpression` do código 70.

```
1
2 def BinaryExpression(expression1 : Expression,
3                      expression2 : Expression,
4                      function : (Boolean, Boolean) => Boolean)
5 : Expression =
6   () => function(expression1(), expression2())
7
8 def UnaryExpression(expression: Expression,
9                    function : (Boolean) => Boolean)
10 : Expression =
11   () => function(expression())
12
13 val andExpression = (expression1 : Expression,
14                     expression2 : Expression) =>
15   BinaryExpression(expression1, expression2,
16                     (e1 : Boolean, e2 : Boolean) => e1 && e2)
```



```
17
18 val orExpression = (expression1 : Expression,
19     expression2 : Expression) =>
20 BinaryExpression(expression1, expression2,
21     (e1 : Boolean, e2 : Boolean) => e1 || e2)
22
23 val notExpression = (expression : Expression) =>
24     UnaryExpression(expression, (e : Boolean) => !e)
```

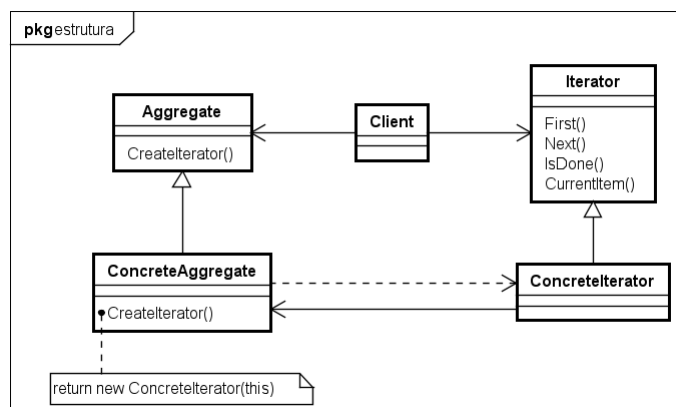
Código 71 – Interpreter com regras genéricas

8.4 Iterator

O padrão Iterator traz uma forma de acessar ou percorrer objetos agregados sem expor sua representação. Isso é feito através de uma classe separada, o iterador, que implementa as operações necessárias para percorrer o objeto.

Para que a classe cliente não precise conhecer o tipo de estrutura sendo percorrida, os objetos agregados são acessados através de uma interface. Também, para que não seja do cliente a responsabilidade de saber qual iterador instanciar, os objetos agregados devem definir uma operação que retorna o iterador adequado. Essa abordagem pode ser vista na figura 33, onde o cliente conhece apenas as interfaces Aggregate e Iterator.

Figura 33 – Estrutura do Iterator

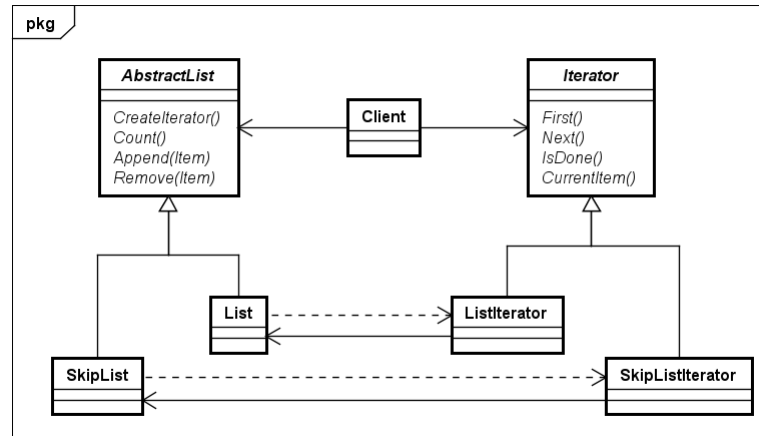


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, é desejado implementar um código que funcione para estruturas de lista comuns, mas que também funcione para *skiplists*, uma estrutura de dados diferente que também se comporta como uma coleção. Para isso, é necessário que tanto as listas como as *skiplists* implementem uma interface abstrata de lista, conhecida pela classe cliente. Da mesma forma, um iterador diferente é definido para cada um dos tipos, também de forma abstrata para o cliente. A imagem 34 demonstra o diagrama de classes para o exemplo, com a implementação no código 72.

```
1
2 trait AbstractList[A] {
3   def CreateIterator() : Iterator[A]
4   def Count() : Int
5   def AppendItem(item : A)
6   def RemoveItem(item : A)
7 }
8
9 class SimpleList[A] extends AbstractList[A] {
```

Figura 34 – Exemplo de Iterator



```

10
11 private var elements : List[A] = List()
12
13 def GetItem(pos : Int) : A = elements(pos)
14
15 def CreateIterator(): Iterator[A] = new ListIterator[A](this)
16
17 def Count(): Int = //Implementação para listas simples
18
19 def AppendItem(item: A): Unit = {
20     //Implementação para listas simples
21 }
22 def RemoveItem(item: A): Unit = {
23     //Implementação para listas simples
24 }
25 }
26
27 class SkipList[A] extends AbstractList[A] {
28
29     def GetItem(pos : Int) : A = //Implementação para SkipLists
30
31     override def CreateIterator(): Iterator[A] = new SkipListIterator[A]()
32
33     override def Count(): Int = //Implementação para SkipLists
34
35     override def AppendItem(item: A): Unit = {
36         //Implementação para SkipLists
37     }
38
39     override def RemoveItem(item: A): Unit = {
40         //Implementação para SkipLists
41     }

```

```

42 }
43
44 trait Iterator[A] {
45     def First() : A
46     def Next() : A
47     def IsDone() : Boolean
48     def CurrentItem() : A
49 }
50
51 class ListIterator[A](elements : SimpleList[A]) extends Iterator[A] {
52     private var pos : Int = 0
53     private val list : SimpleList[A] = elements
54
55     override def First(): A = list.GetItem(0)
56
57     override def Next(): A = {
58         if(pos+1<elements.Count()){
59             pos = pos+1
60         }
61         elements.GetItem(pos)
62     }
63
64     override def IsDone(): Boolean = pos == elements.Count()
65
66     override def CurrentItem(): A = elements.GetItem(pos)
67 }
68
69 class SkipListIterator[A](elements : SkipList[A]) extends Iterator[A] {
70     private var pos : Int = 0
71     private val list : SkipList[A] = elements
72
73     override def First(): A = list.GetItem(0)
74
75     override def Next(): A = {
76         if(pos+1<elements.Count()){
77             pos = pos+1
78         }
79         elements.GetItem(pos)
80     }
81
82     override def IsDone(): Boolean = pos == elements.Count()
83
84     override def CurrentItem(): A = elements.GetItem(pos)
85 }

```

Contexto Funcional

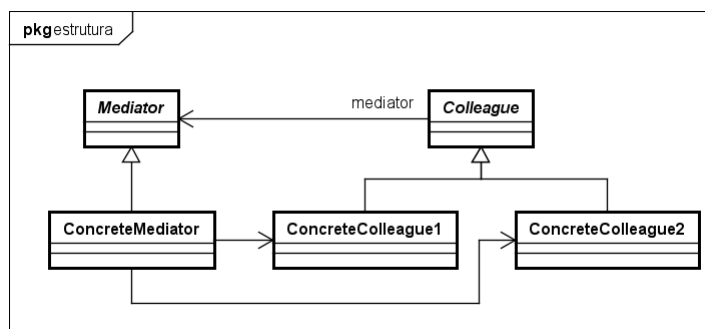
Código 73 – Iterator Funcional

8.5 Mediator

Nesse padrão, um objeto chamado de Mediator age como intermediário entre um grupo de objetos, ficando responsável por qualquer interação entre eles. O Mediator conhece todos esses objetos enquanto cada objeto conhece apenas o Mediator, o que os torna mais independentes, simplificando sua reutilização e concentrando as dependências entre eles em um só lugar.

A estrutura do padrão é apresentada na figura 35. Uma interface Mediator define as operações que um tipo de objeto Mediator deve possuir. ConcreteMediator representa uma classe que implementa essas operações. Um Colleague é um objeto conhecido pelo Mediator e cada ConcreteColleague pode ser tanto um objeto que possui operações refletidas em outros objetos quanto ser um dos objetos afetados indiretamente por outro Colleague.

Figura 35 – Estrutura do Mediator

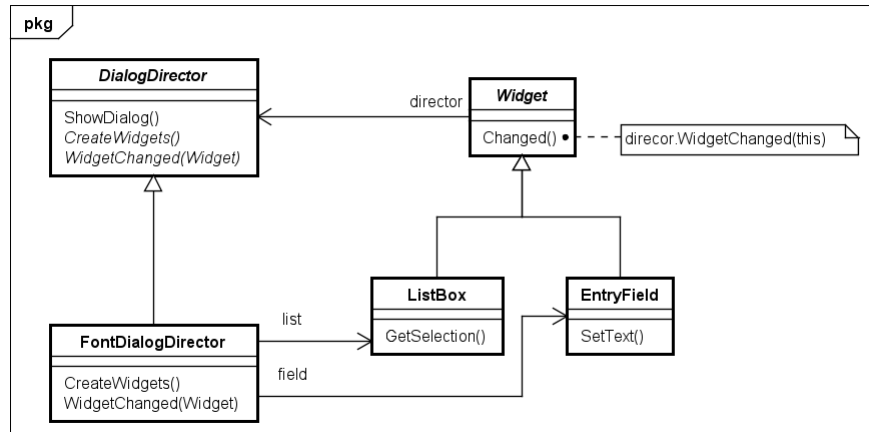


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, é considerada uma janela de uma aplicação que apresenta diversos *widgets*, entre eles uma caixa de entrada de texto e uma lista de seleção. Quando um item é selecionado na lista, o texto contido nele deve aparecer na caixa de entrada de texto. O Mediator é responsável por alterar a caixa de entrada de texto quando um item é selecionado na lista, enquanto a lista é responsável por informar ao Mediator quando um item for selecionado. A figura 36 apresenta o diagrama de classes para esse exemplo. O código 74 apresenta a implementação do padrão para esse exemplo.

```
1
2 abstract class DialogDirector {
3
4     def ShowDialog() : Unit = {
5         //Exibe o dialog
6     }
7
8     def CreateWidget()
```

Figura 36 – Exemplo de Mediator



```

9  def WidgetChanged(widget: Widget)
10 }
11
12 class FontDialogDirector() extends DialogDirector {
13
14     private var list : ListBox = null
15     private var field : EntryField = null
16
17     override def CreateWidget(): Unit = {
18         this.list = new ListBox(this)
19         this.field = new EntryField(this)
20     }
21
22     override def WidgetChanged(widget: Widget): Unit = {
23         this.field.text = this.list.selection
24     }
25 }
26
27 abstract class Widget(val director : DialogDirector) {
28     def Changed() : Unit = director.WidgetChanged(this)
29 }
30
31 class EntryField(director : DialogDirector) extends Widget(director) {
32     var text : String = ""
33 }
34
35 class ListBox(director : DialogDirector) extends Widget(director){
36     private var _selection : String = ""
37     def selection : String = _selection
38
39     def SetSelection(selection : String) : Unit = {
40         this._selection = selection

```

```
41     Changed()
42 }
43 }
```

Código 74 – Mediator Orientado a Objetos

Contexto Funcional

Como o objetivo do padrão é gerenciar as interdependências entre elementos diferentes sem que eles precisem se conhecer, o objeto `ConcreteMediator` pode ser equivalente a um módulo que define as funções que serão executadas nos `Colleagues` afetados quando algum `Colleague` alvo realizar uma operação. Para simplificar a descrição do exemplo funcional, será definido como "Colleague alvo" um `Colleague` que, no exemplo orientado a objetos, teria executado uma operação que avisa o `Mediator` e "Colleague afetado" como um `Colleague` que, após o `Mediator` ter sido avisado, foi modificado ou referenciado. É importante notar que qualquer `Colleague` pode agir tanto como alvo quanto como afetado, dependendo do contexto.

Como as funções devem ser puras, uma função de um `Colleague` alvo não pode modificar um `Colleague` afetado sem que o mesmo seja passado por parâmetro. Seguindo essa abordagem, os `Colleagues` tornariam-se dependentes uns dos outros novamente, o que não é desejado. Uma forma de resolver esse problema é trazendo para o `Mediator` a responsabilidade de chamar as operações dos `Colleagues` de forma que as funções do `Mediator` serão compostas por uma função que faz a modificação no `Colleague` alvo e de todas as funções necessárias para modificar os `Colleagues` afetados. Essas funções podem receber como parâmetro os valores necessários para modificar o `Colleague` alvo, mas para que a abordagem seja equivalente à orientada a objetos, elas não deveriam receber nenhum parâmetro exclusivo das funções que alteram os `Colleagues` afetados. Outra consequência do uso de funções puras, que também é uma consequência da imutabilidade, é que também será responsabilidade das funções do `Mediator` retornar todos os `Colleagues` alterados.

O código 75 demonstra o exemplo visto anteriormente utilizando as ideias apresentadas. Um módulo `FontDialogDirector` possui a operação `ChangeWidget`, que trabalha com os tipos abstratos `A`, representando o tipo do `Colleague` alvo e `B` representando o tipo do `Colleague` afetado. Como a função `ChangeWidget` não define a forma como os `Colleagues` afetados são alterados, o tipo `B` pode ser tanto um único `Colleague` quanto uma tupla ou lista de `Colleagues` afetados. A função `ChangeWidget` também recebe uma função que recebe como parâmetros valores dos tipos `A` e `B` e retorna uma tupla contendo valores dos mesmos tipos. A implementação da função é apenas a chamada de `f` para os widgets dos tipos `A` e `B` recebidos como entrada.

A função `f` recebida como parâmetro é responsável por definir qual função do

Colleague alvo será chamada e como isso modificará os Colleagues afetados. No exemplo, ela pode ser definida através da função `ChangeSelectionFunction`, que recebe como parâmetro o valor da seleção para o *widget* de lista de seleção e retorna uma função que recebe como parâmetro um `ListBox` como Colleague alvo e um `EntryField` como Colleague afetado. O valor da seleção será armazenado em uma closure e será utilizado na chamada das funções `SetSelection` e `SetText`. Essa abordagem contribui para que novas funções para valores diferentes de seleção não precisem ser criadas e também para que uma mesma função que seleciona um valor possa ser reutilizada por mais de um *widget* da aplicação.

```
1
2  object FontDialogDirector {
3
4      import EntryField._
5      import ListBox._
6
7      def ChangeWidget[A, B](
8          changedWidget : A,
9          affectedWidgets : B,
10         f : (A, B) => (A, B))
11         : (A, B) = f(changedWidget, affectedWidgets)
12
13
14     def ChangeSelectionFunction(selection : String) =
15         (listBox : ListBox, entryField : EntryField) =>
16             (SetSelection(listBox, selection),
17              SetText(entryField, selection))
18
19 }
20
21 object EntryField {
22
23     case class EntryField(val text : String)
24
25     def SetText(entryField : EntryField, text : String) =
26         entryField.copy(text)
27
28     def GetText(entryField : EntryField) =
29         entryField.text
30 }
31
32 object ListBox {
33
34     case class ListBox(val selection : String)
35
36     def SetSelection(listBox : ListBox, selection : String) =
37         listBox.copy(selection=selection)
38
```

```
39     def GetSelection(listBox : ListBox) =  
40         listBox.selection  
41     }  
42
```

Código 75 – Mediator Funcional

Vantagens e Desvantagens

Uma vantagem observável da abordagem funcional é que os *colleagues* não precisam conhecer o Mediator. Dessa forma, os *widgets* poderiam ser reutilizados em outros trechos da aplicação onde eles não precisam depender ou ser dependentes de outros elementos.

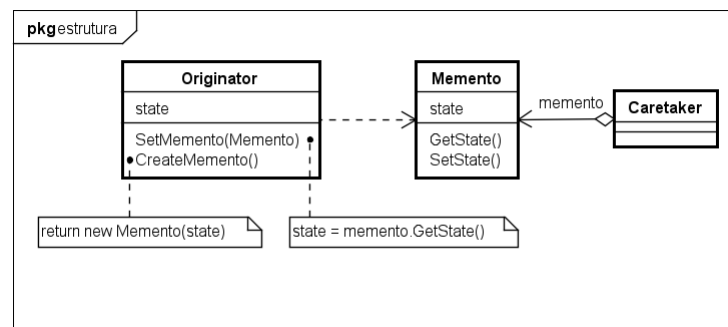
Uma desvantagem é o gerenciamento dos *widgets*, já que é sempre necessário desestruturar a tupla retornada pela função `ChangeWidget` para recuperar os novos valores. Essa operação pode tornar-se ainda mais difícil se a quantidade de *Colleagues* afetados aumentar ou se eles estiverem organizados em uma estrutura mais complexa. Outra desvantagem é que as operações precisam passar explicitamente pelo Mediator para serem executadas, tornando uma refatoração onde o Mediator não é mais necessário mais custosa.

8.6 Memento

O padrão Memento é útil para implementar funcionalidades de *checkpoint* ou de "desfazer", já que permite armazenar e restaurar o estado interno de um objeto sem que ele seja exposto. Dessa forma, o encapsulamento não é violado, mesmo que o estado seja armazenado externamente.

Isso é alcançado através de uma classe Memento que armazena os atributos de um objeto que precisa ser salvo. A responsabilidade de criar a cópia, assim como a de recuperar os atributos copiados, é do próprio objeto. A estrutura do padrão pode ser vista na figura 37.

Figura 37 – Estrutura do Memento

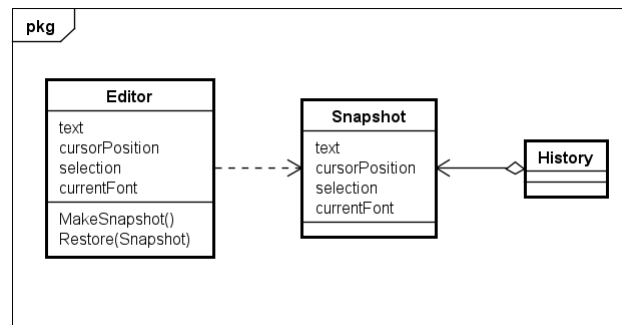


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, pode ser considerado um editor de texto que suporta operações de desfazer. O editor pode armazenar um *snapshot* de seu estado atual em uma classe que armazena o histórico de alterações. Dessa forma, quando a operação de desfazer for executada, basta que o *snapshot* mais recente seja recuperado pelo histórico e restaurado no editor. A figura 38 demonstra esse exemplo, enquanto o código 76 demonstra a implementação.

```
1
2 class Editor(private var text:String,
3             private var cursorPosition : Position,
4             private var selection : (Position, Position),
5             private var currentFont : String) {
6
7     def MakeSnapshot() : Snapshot = {
8         new Snapshot(text, cursorPosition, selection, currentFont)
9     }
10
11     def RestoreSnapshot(snapshot: Snapshot) : Unit = {
12         this.text = snapshot.text
```

Figura 38 – Exemplo de Memento



```

13     this.cursorPosition = snapshot.cursorPosition
14     this.selection = snapshot.selection
15     this.currentFont = snapshot.currentFont
16 }
17 }
18
19 class Snapshot (val text : String,
20                 val cursorPosition : Position,
21                 val selection : (Position, Position),
22                 val currentFont : String)
23
24 class History {
25     private var snapshots : List[Snapshot] = List.empty
26
27     def AddSnapshot(snapshot: Snapshot) : Unit = {
28         snapshots = snapshots :+ snapshot
29     }
30
31     def GetSnapshot() : Snapshot = {
32         val snapshot = snapshots.head
33         snapshots = snapshots.tail
34         snapshot
35     }
36 }

```

Código 76 – Memento Orientação a Objetos

Contexto Funcional

Como os dados são imutáveis, não é necessário preocupar-se com funções externas modificando o estado do valor que se deseja guardar. Dessa forma, armazenar os *checkpoints* em uma coleção, como uma lista, é suficiente para resolver o problema proposto pelo padrão.

O código 77 apresenta duas funções, `CreateSnapshot` na linha 2 e `RestoreSnapshot` na linha 5. A primeira recebe como parâmetro o valor que deve ser salvo e a lista de valores já salvos. O retorno é apenas a lista de valores atualizada. Já a segunda recebe como parâmetro a lista de valores salvos e retorna uma tupla cujo primeiro elemento é o novo valor, restaurado a partir da lista, e o segundo valor é a lista atualizada com o valor recuperado removido.

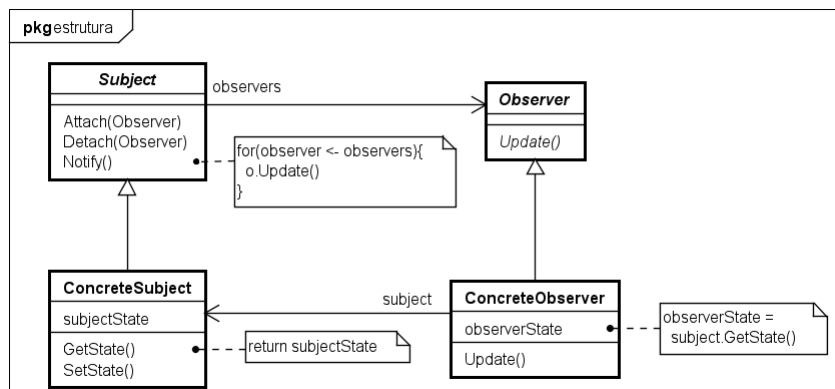
```
1
2 def CreateSnapshot(editor : Editor, snapshots : List[Editor]) : List[
    Editor] =
3   editor :: snapshots
4
5 def RestoreSnapshot(snapshots : List[Editor]) : (Editor, List[Editor]) =
6   (snapshots.head, snapshots.tail)
```

Código 77 – Memento Funcional

8.7 Observer

O padrão Observer permite criar uma dependência de muitos objetos para um entre objetos. Dessa forma, quando um objeto em específico é alterado, um grupo de objetos pré-configurados é notificado. Esse comportamento é semelhante a um *publish and subscribe*, onde um objeto é um *publisher* que publica notificações para os objetos inscritos. A dinâmica do padrão pode ser vista no diagrama da figura 39.

Figura 39 – Estrutura do Observer

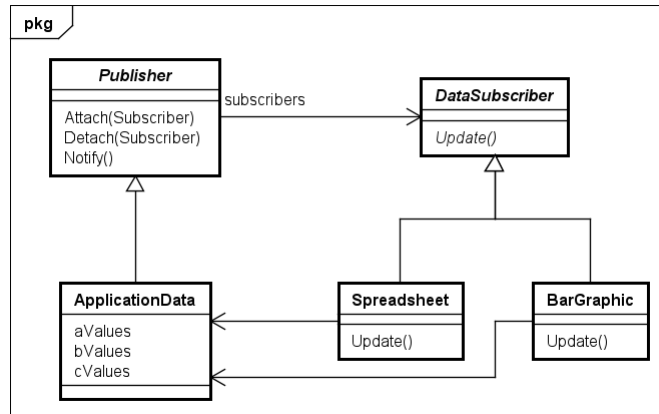


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, pode ser considerada uma aplicação gráfica que possui uma tabela e um gráfico de barras que apresentam informações de grupos A, B e C. Essas informações são dados utilizados pela aplicação que podem ser alterados por outros elementos gráficos, como botões ou caixas de texto. Para que a tabela e o gráfico estejam atualizados, eles são armazenados pela classe que centraliza esses dados de forma que ela os notifique caso os dados sejam atualizados. O diagrama de classes para o exemplo pode ser visto na figura 40, enquanto a implementação pode ser vista no código 78.

```
1
2 abstract class Publisher {
3     private var subscribers : List[DataSubscriber] = List.empty
4
5     def Attach(subscriber: DataSubscriber) : Unit = {
6         subscribers = subscriber :: subscribers
7     }
8
9     def Detach(subscriber: DataSubscriber) : Unit = {
10         subscribers = subscribers.filter(sub => sub != subscriber)
11     }
12
13     def Notify() : Unit = {
```

Figura 40 – Exemplo de Observer



```

14     for(subscriber <- subscribers){
15         subscriber.Update()
16     }
17 }
18 }
19
20 class ApplicationData extends Publisher {
21     private var aValues : List[Int] = List.empty
22     private var bValues : List[Int] = List.empty
23     private var cValues : List[Int] = List.empty
24
25     def SetValues(_aValues : List[Int],
26                 _bValues : List[Int],
27                 _cValues : List[Int]): Unit = {
28         this.aValues = _aValues
29         this.bValues = _bValues
30         this.cValues = _cValues
31         Notify()
32     }
33
34     def GetAValues() : List[Int] = aValues
35     def GetBValues() : List[Int] = bValues
36     def GetCValues() : List[Int] = cValues
37 }
38
39 trait DataSubscriber {
40     def Update()
41 }
42
43 class Spreadsheet(val data : ApplicationData) extends DataSubscriber {
44     override def Update(): Unit = {
45         var aValues = data.GetAValues()

```

```
46     var bValues = data.GetBValues()
47     var cValues = data.GetCValues()
48     //Atualiza a tabela com os novos valores
49 }
50 }
51
52 class BarGraphic(data: ApplicationData) extends DataSubscriber {
53     override def Update(): Unit = {
54         var aBar = data.GetAValues().sum
55         var bBar = data.GetBValues().sum
56         var cBar = data.GetCValues().sum
57         //Atualiza o gráfico com os novos valores
58     }
59 }
```

Código 78 – Observer Orientação a Objetos

Contexto Funcional

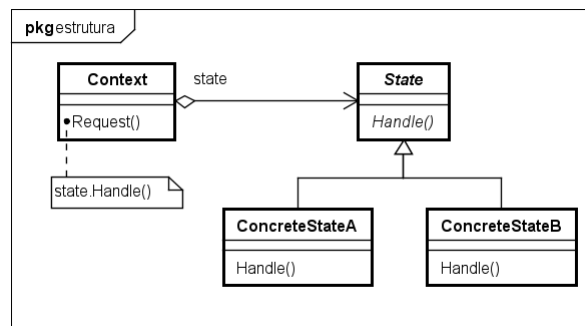
Código 79 – Observer Funcional

8.8 State

O padrão State permite alterar o comportamento de um objeto alterando seu estado interno. As operações que dependem do estado do objeto são definidas em uma interface conhecida pelo objeto, de forma que ele delegue essas operações para outra classe que implemente essa interface.

Essa abordagem contribui para o reuso de operações que se repetem em classes relacionadas. Sem o State, essas classes teriam que ser instanciadas novamente a cada mudança de estado. Outra vantagem é que o padrão permite que o estado seja trocado dinamicamente durante a execução. A estrutura do padrão pode ser vista na figura 41.

Figura 41 – Estrutura do State

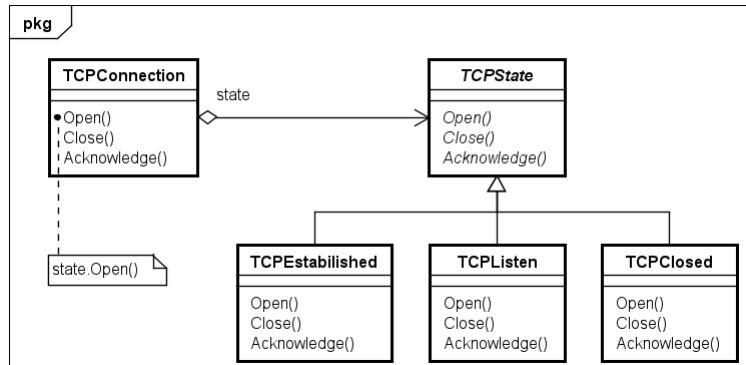


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo, é considerada uma classe TCPConnection que define uma conexão de rede que pode estar em diversos estados: Estabelecida, escutando e fechada. Dependendo do estado em que a conexão se encontra, ela deve responder de forma diferente às operações que uma conexão TCP pode realizar. O padrão Strategy, cuja implementação pode ser vista no diagrama da imagem 42 e no código 80, é utilizado para encapsular em classes diferentes as operações referentes a cada estado da conexão. Dessa forma, a classe TCPConnection delega a uma classe que implementa a interface TCPState a execução das operações necessárias. Quando o estado interno da classe for modificado, a operação referente ao novo estado também será alterada automaticamente.

```
1
2 class TCPConnection(var state : TCPState) {
3     def Open(): Unit = state.Open()
4     def Close(): Unit = state.Close()
5     def Acknowledge(): Unit = state.Acknowledge()
6 }
7
8 trait TCPState {
```

Figura 42 – Exemplo de State



```

9  def Open()
10 def Close()
11 def Acknowledge()
12 }
13
14 class TCPEstablished extends TCPState {
15     def Open():Unit = {
16         //Implementação para conexão estabelecida
17     }
18     def Close(): Unit = {
19         //Implementação para conexão estabelecida
20     }
21     def Acknowledge(): Unit = {
22         //Implementação para conexão estabelecida
23     }
24 }
25
26 class TCPListen extends TCPState {
27     def Open():Unit = {
28         //Implementação para conexão escutando
29     }
30     def Close(): Unit = {
31         //Implementação para conexão escutando
32     }
33     def Acknowledge(): Unit = {
34         //Implementação para conexão escutando
35     }
36 }
37
38 class TCPClosed extends TCPState {
39     def Open():Unit = {
40         //Implementação para conexão fechada
41     }

```

```

42  def Close(): Unit = {
43      //Implementação para conexão fechada
44  }
45  def Acknowledge(): Unit = {
46      //Implementação para conexão fechada
47  }
48  }

```

Código 80 – State Orientação a Objetos

Contexto Funcional

Para que o comportamento de um valor possa ser alterado ao alterar seu estado, ele pode ser encapsulado dentro de outro valor. No código 81, o tipo TCPState é declarado na linha 2, onde armazena três funções: uma para a ação *open*, uma para a ação *close* e uma para a ação *acknowledge*. Da mesma forma, as operações Open, Close e Acknowledge, definidas em seguida, recebem como parâmetro uma tupla do tipo TCPState e executam as funções desejadas.

```

1
2  type TCPState = (() => Unit,
3                    () => Unit,
4                    () => Unit)
5
6  def Open(state : TCPState) : Unit = state._1()
7
8  def Close(state : TCPState) : Unit = state._2()
9
10 def Acknowledge(state : TCPState) : Unit = state._3()

```

Código 81 – State Funcional

O código 82 demonstra como seriam declaradas as tuplas para cada estado visto no exemplo orientado a objetos. Dessa forma, os valores TCPEstablished, TCPClosed e TCPListen são utilizados para definir que tipo de comportamento o programa deverá adotar para cada estado possível.

```

1
2  val TCPEstablished = (
3      () => {
4          //Operação Open para conexão estabelecida
5      },
6      () => {
7          //Operação Close para conexão estabelecida
8      },
9      () => {
10         //Operação Acknowledge para conexão estabelecida

```

```
11  }
12 )
13
14 val TCPClosed = (
15   () => {
16     //Operação Open para conexão fechada
17   },
18   () => {
19     //Operação Close para conexão fechada
20   },
21   () => {
22     //Operação Acknowledge para conexão fechada
23   }
24 )
25
26 val TCPListen = (
27   () => {
28     //Operação Open para conexão escutando
29   },
30   () => {
31     //Operação Close para conexão escutando
32   },
33   () => {
34     //Operação Acknowledge para conexão escutando
35   }
36 )
```

Código 82 – State Funcional

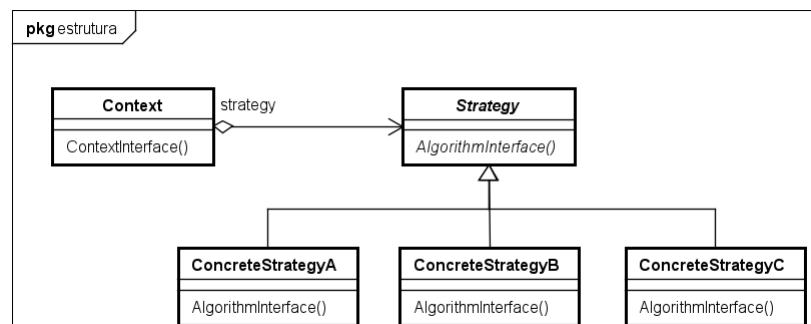
8.9 Strategy

O padrão Strategy define grupos de algoritmos encapsulados e intercambiáveis para um determinado contexto. Esses algoritmos podem ser definidos ou trocados em tempo de execução, permitindo que os clientes que os utilizem possam alternar entre as implementações definidas livremente.

O Strategy soluciona o problema de classes relacionadas diferirem apenas em algum comportamento, permitindo que esse comportamento possa ser isolado e o resto da implementação das classes reaproveitado. Ele também evita a utilização de muitas operações condicionais. Ao invés de verificar qual deve ser o comportamento toda vez que ele precisar ser executado, o comportamento é pré-definido pelo contexto.

A estrutura do padrão pode ser vista na figura 43, onde uma interface é responsável por definir que operações uma estratégia deve possuir, enquanto diversas classes concretas implementam essas operações definindo suas estratégias. A classe cliente é responsável por manter uma referência para a estratégia e chamar as operações desejadas.

Figura 43 – Estrutura do Strategy

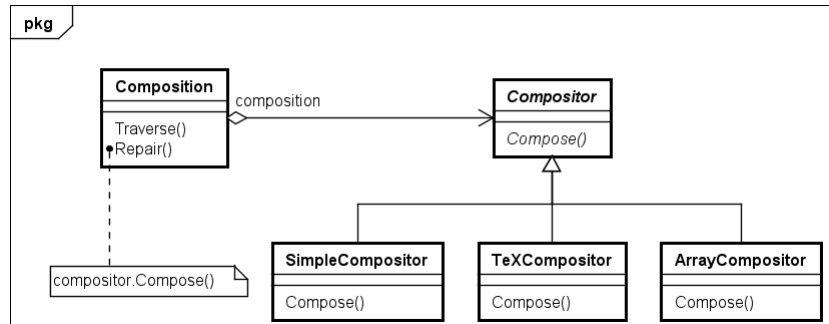


Exemplo Orientado a Objetos

O exemplo do Strategy apresenta uma *stream* de texto que pode ser quebrada em linhas utilizando estratégias diferentes. Nele, a classe Composition gerencia as quebras de linha do texto exibidas em um editor, enquanto a interface Compositor define uma estratégia de quebra de linha. As estratégias apresentadas são representadas pelas classes SimpleCompositor, TeXCompositor e ArrayCompositor. A implementação desse exemplo pode ser vista no código 83, enquanto o diagrama de classes pode ser visto na figura 44.

```
1
2 trait Compositor {
3     def Compose(
4         natural : Vector[Coord],
5         stretch : Vector[Coord],
6         shrink : Vector[Coord],
```

Figura 44 – Exemplo de Strategy



```

7         componentCount : Int,
8         lineWidth : Int,
9         breaks : Vector[Coord]
10    ) : Int
11 }
12
13 class SimpleCompositor extends Compositor {
14     override def Compose(natural: Vector[Coord],
15                          stretch: Vector[Coord],
16                          shrink: Vector[Coord],
17                          componentCount: Int,
18                          lineWidth: Int,
19                          breaks: Vector[Coord])
20     : Int = {
21         //Implementação do Simple Compositor
22         0
23     }
24 }
25
26 class TeXCompositor extends Compositor {
27     override def Compose(natural: Vector[Coord],
28                          stretch: Vector[Coord],
29                          shrink: Vector[Coord],
30                          componentCount: Int,
31                          lineWidth: Int,
32                          breaks: Vector[Coord])
33     : Int = {
34         //Implementação do TeX Compositor
35         0
36     }
37 }
38
39 class ArrayCompositor extends Compositor {
40     override def Compose(natural: Vector[Coord],

```

```

41         stretch: Vector[Coord],
42         shrink: Vector[Coord],
43         componentCount: Int,
44         lineWidth: Int,
45         breaks: Vector[Coord])
46     : Int = {
47         //Implementação do Array Compositor
48         0
49     }
50 }
51
52 class Composition(var compositor: Compositor) {
53     private var lineWidth : Int = 0
54     private var lineBreaks : Vector[Coord] = Vector.empty
55     private var lineCount : Int = 0
56
57     def Repair() : Unit = {
58         var natural = new Vector[Coord]
59         var stretchability = new Vector[Coord]
60         var shrinkability = new Vector[Coord]
61         // Implementação da função repair
62         val breakCount = compositor.Compose(
63             natural, stretchability, shrinkability,
64             lineCount, lineWidth, lineBreaks)
65     }
66 }

```

Código 83 – Strategy Orientação a Objetos

Contexto Funcional

Como a intenção do padrão é permitir a criação de grupos de algoritmos, ele é um candidato para o uso de funções de alta ordem. Ao invés de definir uma classe nova para cada implementação, a função Repair pode receber como parâmetro uma função compose, cuja assinatura predefinida recebe um parâmetro do tipo Compositor e retorna um inteiro. Dessa forma, basta definir as funções ComposeSimple, ComposeTeX e ComposeArray que podem ser passadas por parâmetro quando a função Repair for chamada. A implementação pode ser vista no código [84](#).

```

1
2 type Composition = (Int, List[Coord], Int)
3
4 type Compositor = (
5     List[Coord],
6     List[Coord],
7     List[Coord],

```

```

8      Int, Int,
9      List[Coord])
10
11 def Repair(composition: Composition,
12           compose : (Compositor) => Int): Unit = {
13     var natural = List.empty
14     var stretchability = List.empty
15     var shrinkability = List.empty
16     //Implementação da função Repair
17     val breakCount = compose(
18       (natural, stretchability, shrinkability,
19        composition._3, composition._1, composition._2)
20     )
21 }
22
23 def ComposeSimple(compositor : Compositor) : Int = {
24     // implementação para SimpleCompositor
25 }
26
27 def ComposeTeX(compositor : Compositor) : Int = {
28     // implementação para TeXCompositor
29 }
30
31 def ComposeArray(compositor : Compositor) : Int = {
32     // implementação para ArrayCompositor
33 }

```

Código 84 – Strategy Funcional

Vantagens e Desvantagens

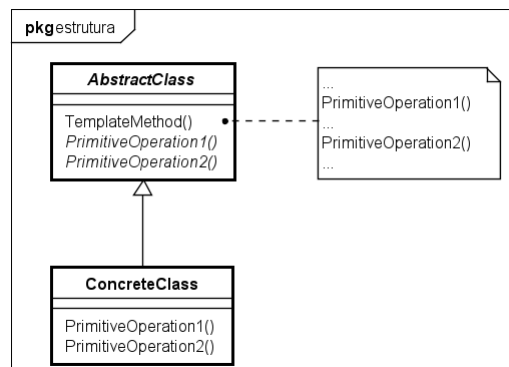
Utilizar funções de alta ordem no lugar do Strategy permite uma versatilidade maior quanto a que tipo de função pode ser aceita. Isso traz a vantagem de favorecer o reúso de funções que não foram planejadas para ser usadas como estratégias diferentes de implementação. Porém, traz a desvantagem de permitir que funções que possuam a mesma assinatura porém não realizem a operação desejada sejam passadas como estratégias válidas.

8.10 Template Method

A ideia do Template Method é fornecer um esqueleto para um algoritmo e deixar para outras classes a tarefa de implementar as funções que compõem esse algoritmo. Uma classe abstrata define a operação Template Method, onde são executadas as etapas do algoritmo, definidas em função das operações abstratas ainda não implementadas.

Dessa forma, esse padrão ajuda a evitar repetição de código, concentrando em apenas uma classe a estrutura de uma operação. Além disso, não só apenas a estrutura do algoritmo como qualquer etapa em comum para todas as subclasses pode ser concentrada na superclasse, evitando mais ainda a repetição do código. A estrutura do padrão pode ser vista na figura 45.

Figura 45 – Estrutura do Template Method

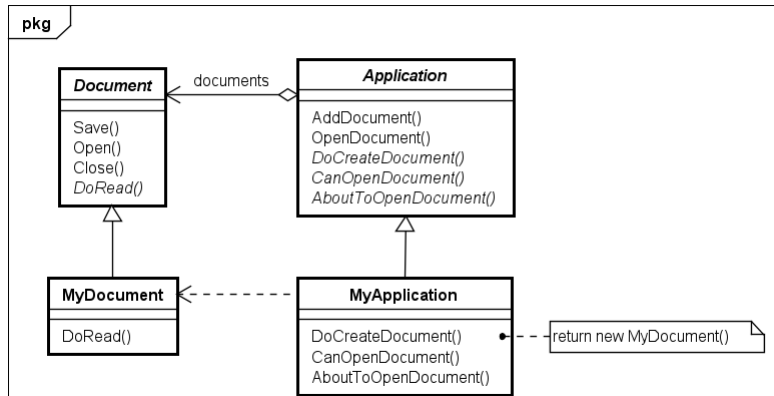


Exemplo Orientado a Objetos

Como exemplo pode ser considerado um *framework* que fornece uma classe para abrir documentos. Essa classe possui operações abstratas para cada etapa da abertura de um documento, de forma que as subclasses que a estendem podem definir formas diferentes de abrir documentos de tipos diferentes. A operação `AddDocument` é o template method, responsável por chamar as demais operações implementadas pelas subclasses. O diagrama de classes do exemplo pode ser visto na imagem 46, enquanto a implementação pode ser vista no código 85.

```
1
2 abstract class Document {
3     def Save() : Unit = {
4         //Salva um document
5     }
6     def Open() : Unit = {
7         //Abre um documento
8     }
9     def Close() : Unit = {
```

Figura 46 – Exemplo de Template Method



```

10     //Fecha um documento
11 }
12 def DoRead()
13 }
14
15 class MyDocument extends Document {
16     def DoRead(): Unit = {
17         //Faz leitura do documento
18     }
19 }
20
21 abstract class Application {
22
23     var documents : List[Document] = List.empty
24
25     def AddDocument(document : Document) : Unit = {
26         documents = document :: documents
27     }
28
29     def OpenDocument(fileName : String) : Unit = {
30         if(!CanOpenDocument(fileName)){
31
32         } else {
33             val doc = DoCreateDocument()
34             AddDocument(doc)
35             AboutToOpenDocument(doc)
36             doc.Open()
37             doc.DoRead()
38         }
39     }
40
41     def DoCreateDocument() : Document
42     def CanOpenDocument(fileName : String) : Boolean
    
```

```

43  def AboutToOpenDocument(document : Document)
44  }
45
46  class MyApplication extends Application {
47    def DoCreateDocument() : Document = new MyDocument
48    def CanOpenDocument(fileName : String) : Boolean = {
49      //Verifica se documento pode ser aberto
50      true
51    }
52    def AboutToOpenDocument(document : Document): Unit = {
53      //Operação ao abrir documento
54    }
55  }

```

Código 85 – Template Method Orientação a Objetos

Contexto Funcional

No contexto funcional, a mesma ideia pode ser alcançada através de funções de alta ordem e composição de funções. Nosso método `OpenDocument` (o *template method*) é uma função de alta ordem que recebe como parâmetro todas as funções necessárias para executar o algoritmo pré-definido. Qualquer função predefinida (como a função `AddDocument`) é chamada de forma comum, exatamente como no exemplo orientado a objetos. O exemplo pode ser visto no código 86.

```

1
2  object Application {
3
4    trait Document {
5      def Open()
6      def DoRead()
7    }
8
9    def AddDocument(document : Document,
10                   documents : List[Document]) : List[Document] =
11      document :: documents
12
13
14    def OpenDocument(filename : String,
15                   documents : List[Document],
16                   DoCreateDocument : () => Document,
17                   CanOpenDocument : (String) => Boolean,
18                   AboutToOpenDocument : (Document) => Unit) : Unit = {
19      if(!CanOpenDocument(filename)){
20        //...
21      } else {

```

```

22     var _documents : List[Document] = Nil
23     val doc = DoCreateDocument()
24     _documents = AddDocument(doc, documents)
25     AboutToOpenDocument(doc)
26     doc.Open()
27     doc.DoRead()
28 }
29 }
30
31 }

```

Código 86 – Template Method Funcional

Para definir uma implementação do algoritmo, basta definir uma nova função que é a combinação do método template com as funções que representam as etapas do algoritmo. O código 87 define uma nova função, `MyApplicationOpenDocument`, que recebe como parâmetro o nome do arquivo e uma lista de documentos. Ela retorna a função `OpenDocument` com as funções específicas para o tipo de documento desejado sendo passadas como parâmetro, nas linhas 6, 7 e 8. Dessa forma, a função `MyApplicationOpenDocument` pode ser reutilizada da mesma forma que a classe `MyApplication` seria reutilizada no exemplo orientado a objetos.

```

1
2 val MyApplicationOpenDocument =
3     (filename : String, documents : List[Document]) =>
4         OpenDocument(filename, documents,
5             CreateMyDocument,
6             MyCanOpenDocument,
7             MyAboutToOpenDocument)

```

Código 87 – Definição do algoritmo

Vantagens e Desvantagens

É possível definir novos *templates* com operações pré-definidas facilmente criando uma combinação parcial das funções necessárias para a execução do algoritmo. Assim, poderia ser implementada uma função cujas operações `DoCreateDocument` e `CanOpenDocument` sejam idênticas, mas que permitisse implementações diferentes de `AboutToOpenDocument`. Para que isso pudesse ser feito no exemplo orientado a objetos, seria necessário definir uma nova subclasse abstrata de `Application`.

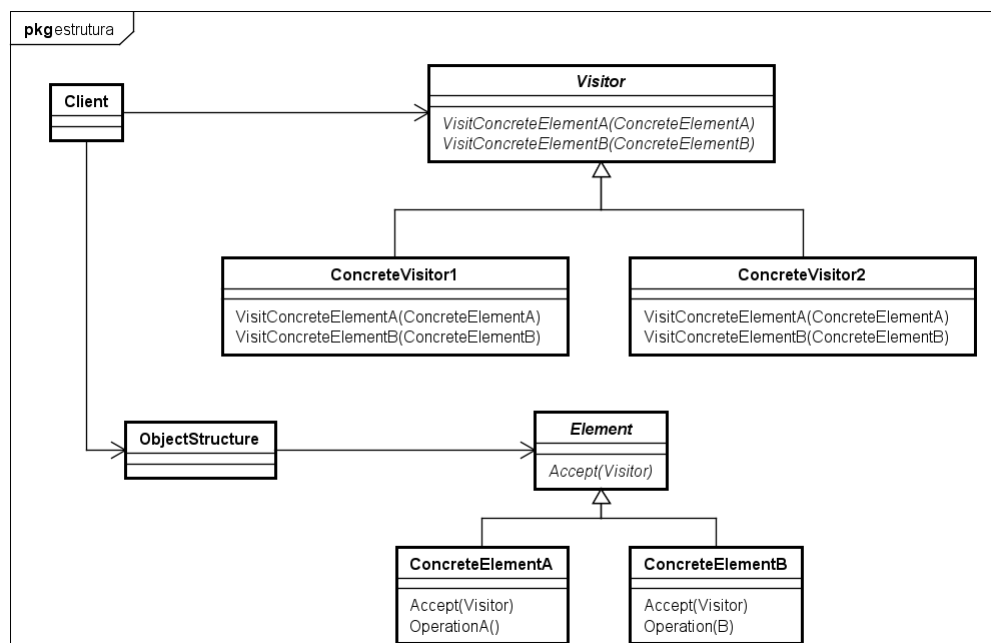
8.11 Visitor

O padrão Visitor define uma estrutura que permite realizar operações em uma estrutura de objetos sem precisar alterá-los e sem precisar que os objetos dessa estrutura conheçam as operações que estão sendo realizadas.

Uma estrutura alvo de um Visitor pode possuir objetos de classes diferentes. Por isso, o padrão deve implementar uma operação *visit* para cada uma dessas classes, através de uma sobrecarga de métodos. Para que essa abordagem funcione, as classes da estrutura devem implementar uma operação *accept* que recebe como parâmetro um Visitor genérico e chama sua operação *visit*, passando uma referência para a instância atual (*this*) como parâmetro. Dessa forma, a função chamada é a que recebe a classe em questão como parâmetro.

Esse padrão permite estender objetos para novas operações sem comprometer sua implementação ou poluir as classes com diversas operações que não são de sua responsabilidade. Sua estrutura pode ser vista na imagem 47.

Figura 47 – Estrutura do Visitor

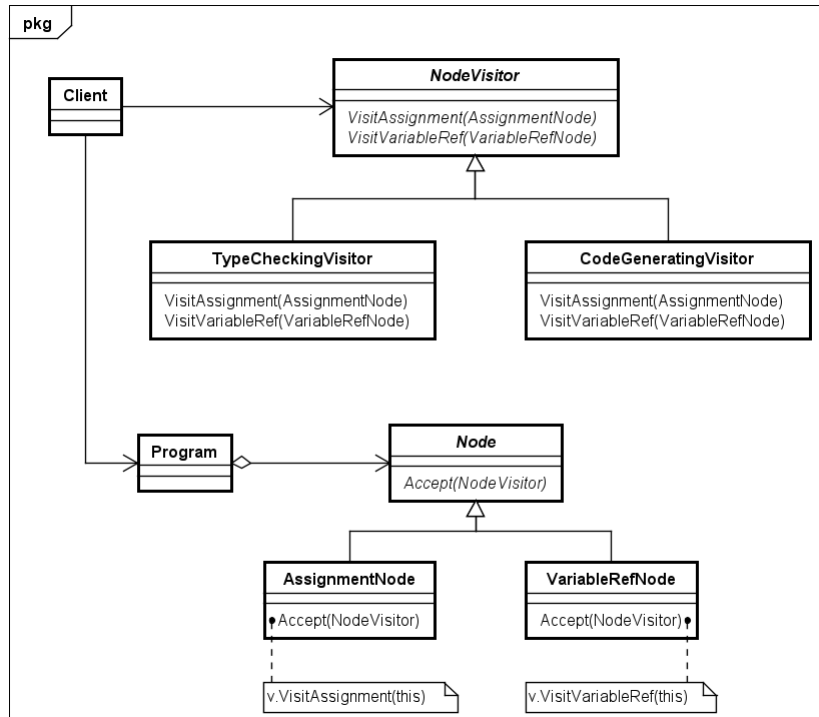


Exemplo Orientado a Objetos

Um compilador precisa fazer a análise de árvore abstrata sintática de um programa. Essa análise inclui diversas operações diferentes, como checagem de tipos e geração de código. Para que os nós da árvore não precisem implementar essas operações, elas implementam uma operação genérica que recebe como parâmetro qualquer Visitor. Dessa

forma, para cada operação desejada, basta implementar uma nova classe Visitor que percorrerá os elementos da árvore abstrata sintática. O diagrama de classes para o exemplo pode ser visto na imagem 48, enquanto a implementação pode ser vista no código 88.

Figura 48 – Exemplo de Visitor



```

1
2 trait NodeVisitor {
3   def VisitAssignment(node : AssignmentNode)
4   def VisitVariableRef(node : VariableRefNode)
5 }
6
7 trait Node {
8   def Accept(visitor : NodeVisitor)
9 }
10
11 class AssignmentNode extends Node {
12   def Accept(visitor: NodeVisitor): Unit = visitor.VisitAssignment(this)
13 }
14
15 class VariableRefNode extends Node {
16   def Accept(visitor : NodeVisitor) : Unit = visitor.VisitVariableRef(
17     this)
18 }
19 class TypeCheckingVisitor extends NodeVisitor {
20

```

```

21  def VisitAssignment(node: AssignmentNode): Unit = {
22      //Operações de checagem de tipo para atribuição
23  }
24
25  def VisitVariableRef(node: VariableRefNode): Unit = {
26      //Operações de checagem de tipo para variáveis
27  }
28 }
29
30 class CodeGeneratingVisitor extends NodeVisitor {
31
32  def VisitAssignment(node: AssignmentNode): Unit = {
33      //Operações de geração de código para atribuição
34  }
35
36  def VisitVariableRef(node: VariableRefNode): Unit = {
37      //Operações de geração de código para variáveis
38  }
39 }

```

Código 88 – Visitor Orientação a Objetos

Contexto Funcional

Código 89 – Visitor Funcional

Parte IV

Resultados

9 Conclusão

Sed consequat tellus et tortor. Ut tempor laoreet quam. Nullam id wisi a libero tristique semper. Nullam nisl massa, rutrum ut, egestas semper, mollis id, leo. Nulla ac massa eu risus blandit mattis. Mauris ut nunc. In hac habitasse platea dictumst. Aliquam eget tortor. Quisque dapibus pede in erat. Nunc enim. In dui nulla, commodo at, consectetur nec, malesuada nec, elit. Aliquam ornare tellus eu urna. Sed nec metus. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Pellentesque habitant morbi tristique senectus et netus et malesuada fames ac turpis egestas.

Phasellus id magna. Duis malesuada interdum arcu. Integer metus. Morbi pulvinar pellentesque mi. Suspendisse sed est eu magna molestie egestas. Quisque mi lorem, pulvinar eget, egestas quis, luctus at, ante. Proin auctor vehicula purus. Fusce ac nisl aliquam ante hendrerit pellentesque. Class aptent taciti sociosqu ad litora torquent per conubia nostra, per inceptos hymenaeos. Morbi wisi. Etiam arcu mauris, facilisis sed, eleifend non, nonummy ut, pede. Cras ut lacus tempor metus mollis placerat. Vivamus eu tortor vel metus interdum malesuada.

Sed eleifend, eros sit amet faucibus elementum, urna sapien consectetur mauris, quis egestas leo justo non risus. Morbi non felis ac libero vulputate fringilla. Mauris libero eros, lacinia non, sodales quis, dapibus porttitor, pede. Class aptent taciti sociosqu ad litora torquent per conubia nostra, per inceptos hymenaeos. Morbi dapibus mauris condimentum nulla. Cum sociis natoque penatibus et magnis dis parturient montes, nascetur ridiculus mus. Etiam sit amet erat. Nulla varius. Etiam tincidunt dui vitae turpis. Donec leo. Morbi vulputate convallis est. Integer aliquet. Pellentesque aliquet sodales urna.

Referências

- 1 FORD, N. Functional design patterns - functional thinking. 2012. Disponível em: <https://www.ibm.com/developerworks/library/j-ft10/index.html>. Citado na página 17.
- 2 NORVIG, P. Design patterns in dynamic languages. 1996. Disponível em: <https://norvig.com/design-patterns/design-patterns.pdf>. Citado na página 17.
- 3 WLASCHIN, S. Functional programming design patterns. 2014. Disponível em: <https://fsharpforfunandprofit.com/fppatterns/>. Citado na página 17.
- 4 SIERRA, S. Clojure design patterns. 2013. Disponível em: <https://www.infoq.com/presentations/Clojure-Design-Patterns/>. Citado na página 17.
- 5 FUSCO, M. From gof to lambda. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rmer37g9AZM&t=122s>. Citado na página 17.
- 6 CHURCH, A. *A Set of Postulates for the Foundation of Logic*. [S.l.: s.n.], 1932. Citado na página 21.
- 7 CHURCH, A. *An Unsolvable Problem of Elementary Number Theory*. [S.l.]: Hopkins, 1936. Citado na página 21.
- 8 MOL, L. D. Turing machines. In: ZALTA, E. N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Winter 2019. [S.l.]: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2019. Citado na página 21.
- 9 COPELAND, B. J. The church-turing thesis. In: ZALTA, E. N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Summer 2020. [S.l.]: Metaphysics Research Lab, Stanford University, 2020. Citado na página 21.
- 10 MLACHKAR; PHILLIPUS; ALVINJ. Pure functions. Disponível em: <https://docs.scala-lang.org/overviews/scala-book/pure-functions.html>. Citado 2 vezes nas páginas 21 e 22.
- 11 CHIUSANO, P.; BJARNASON, R. *Functional Programming in Scala*. [S.l.: s.n.], 2013. Citado 4 vezes nas páginas 21, 22, 23 e 24.
- 12 HIGGINBOTHAM, D. *Clojure for the Brave and True*. [S.l.: s.n.], 2016. Citado na página 22.
- 13 O'SULLIVAN, B.; STEWART, D.; GOERZEN, J. *Real World Haskell*. [S.l.: s.n.], 2008. Citado 3 vezes nas páginas 23, 24 e 25.
- 14 HAVERBEKE, M. *Eloquent Javascript*. [S.l.: s.n.], 2018. Citado na página 23.
- 15 DENERO, J. Composing functions. Disponível em: <https://composingprograms.com/pages/16-higher-order-functions.html>. Citado na página 23.
- 16 BUONANNO, E. *Functional Programming in C#: How to write better C# code*. [S.l.]: Manning, 2017. Citado na página 23.

- 17 MLACHKAR; ALVINJ. Passing functions around. Disponível em: <<https://docs.scala-lang.org/overviews/scala-book/passing-functions-around.html>>. Citado na página 23.
- 18 FOWLER, M. Lambda. 2004. Disponível em: <<https://martinfowler.com/bliki/Lambda.html>>. Citado na página 25.
- 19 GAMMA, E. et al. *Design Patterns: Elements of Reusable Object-Oriented Software*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley, 1995. ISBN 0-201-63361-2. Citado 3 vezes nas páginas 27, 29 e 31.
- 20 ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M. New York: [s.n.]. Citado na página 27.
- 21 MICROSOFT. Dependency injection in asp.net core. 2020. Disponível em: <<https://docs.microsoft.com/en-us/aspnet/core/fundamentals/dependency-injection?view=aspnetcore-5.0>>. Citado na página 32.
- 22 WAMPLER, D. *Programming Scala*. [S.l.]: O'Reilly Media, Inc., 2021. ISBN 9781492077893. Citado 4 vezes nas páginas 33, 34, 36 e 37.
- 23 ODESKY, M.; SPOON, L.; VENNERS, B. *Programming in Scala*. [s.n.], 2008. Disponível em: <<https://www.artima.com/pins1ed/>>. Citado 3 vezes nas páginas 34, 35 e 37.
- 24 BEZERRA, E. *Princípios de Análises e Projeto de Sistemas com UML*. [S.l.: s.n.], 2006. Citado 2 vezes nas páginas 41 e 49.
- 25 MLACHKAR; ALVINJ. Tuples. Disponível em: <<https://docs.scala-lang.org/overviews/scala-book/tuples.html>>. Citado na página 41.
- 26 SOMMERVILLE, I. *Software Engineering*. 9. ed. Harlow, England: Addison-Wesley, 2010. ISBN 978-0-13-703515-1. Citado na página 42.
- 27 ARMSTRONG, D. The quarks of object-oriented development. 2006. Citado 2 vezes nas páginas 43 e 47.
- 28 THOMSON, P. Existential haskell. 2020. Disponível em: <<https://blog.sumtypeofway.com/posts/existential-haskell.html>>. Citado na página 44.
- 29 MARMORSTEIN, R. Classless javascript. 2016. Disponível em: <<https://gist.github.com/twitchard/5ec53360ae109bb32e26742ddbc4cc93>>. Citado na página 44.
- 30 MODULE Systems and ML. 2004. Disponível em: <<https://courses.cs.washington.edu/courses/cse341/04wi/lectures/09-ml-modules.html>>. Citado na página 44.
- 31 ORACLE. Object-oriented programming concepts. Disponível em: <<https://docs.oracle.com/javase/tutorial/java/concepts/>>. Citado na página 45.